

## Os registos de santos

(Continuação d-O Arch. Port., XXI, 50)

**Gertrudes**<sup>1</sup>. — «Santa Gertrudes», Magna Abadessa, II, 44; «Santa Gertrudes Magna», III, 32; «Santa Gertrudes Magna», III, 34; «Santa Gertrudes Magna Abbadessa», *Santos [fez] Porto*, III, 40; «Santa Gertrudes Magna», III, 103; «Santa Gertrudes Magna», IV, 133.

**Gil (S. Frei)**<sup>2</sup>. — «S. Frei Gil», III, 52; «S. Frei Gil», *Janua Ant[oni].*<sup>o</sup> X[avi]é.<sup>r</sup> af[ez]., IV, 179.

A lenda mediéfica de S. Frei Gil nacionaliza em português a lenda similar do Fausto. Mago e doutor em medicinas, tinha, como o sábio germânico, artes com o diabo. Curvou magia demoníaca nas cavas de Toledo, medicina na Universidade de Paris. Fez com o diabo contrato escrito com o seu próprio sangue. Professou na ordem de S. Domingos em Palência, o que foi o primeiro passo da conversão e arrependimento; depois transferiu-se para o convento da ordem na cidade natal de Santarem. Aqui penitenciou-se, libertou-se do contrato diabólico, e fez milagres. Criou no convento aulas de Teologia e de Filosofia. Por sua fama e saber, aconselharam-se com ele El-Rei D. Sancho II e D. Afonso III, que o nomeou por alta illustração fisico do Rei. O cadáver jaz no mesmo convento. Foi em vida um «grande bruxo e um grande santo» (*Viagens na minha terra*, Garrett, cap. XL). Do séc. XVIII há um poema anónimo, intitulado: *A Egi-dea, poema heroico, ou historia da portentosa vida do grande penitente S. Frei Gil, Portuguez*; Lisboa 1778. Frei Luis de Sousa refere-se ao Santo na *Historia da ordem de S. Domingos I*, livro II, p. 165, e 185 a 266 (3.<sup>a</sup> ed. 1886). Silva Pinto escreveu a monografia de «S. Frei Gil», 1900. Teófilo Braga editou em 1905 o *Frei Gil de Santarem, Lenda Faustiana dos principios da Renascença*. Eça de Queiroz chegou a projectar um trabalho sob o mesmo tema; Júlio Dantas publicou as primeiras scenas de uma peça em verso na *Illustração Portuguesa*; António Correia de Oliveira fez o poema das «Tentacões de S. Frei Gil», 1907. Já Garrett d'ele falou na obra citada, e na *D. Branca* (Canto VIII, est. x) era figura de primeira linha. Duarte Nunes do Leão, na *Descrição do Reino de Portugal*, refere-se a elle a folhas 77, v.

Vid. também *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, de D. Rodrigo da Cunha, parte II, cap. 64, pp. 194 a 196. Também foi estudado como médico: Maximiano de Lemos, *Historia da Medicina*, pp. 8 e 9. (1881).

<sup>1</sup> Santa Gertrudes Magna é advogada contra a malignidade demoníaca. Festeja-se a 15 de Novembro. Como ella, são advogados contra o demónio: Santo Anastácio, Santa Catarina de Sena, Santo Ângelo, S. Bartolomeu e S. Bernardino.

<sup>2</sup> S. Frei Gil é advogado contra os perigos de mar. Festeja-se a 14 de Maio

**Glória.**—«Nossa Senhora da Glória», exemplar minúsculo, III, 81; «Nossa Senhora da Glória», III, 112; «Nossa Senhora da Glória», III, 113; «Assumpção de Nossa Senhora da Glória», IV, 56; «Nossa Senhora da Glória, Á Graça» Lisboa, 1.º Bairro, IV, 67 «Nossa Senhora da Glória do Cardal da Graça», IV, 85.

**Goldrofe (S.).**—«S. Goldrofe», Arganil<sup>1</sup>, III, 127.

**Gonçalo (S.).**—«S. Gonçalo de Lagos», Algarve, *M. S. G. (fecit)* ou *f(ez)*, I, 9; «S. Gonçalo de Amarante»<sup>2</sup>, I, 119; «S. Gonçalo de Amarante», I, 186; «S. Gonçalo de Amarante», I, 189; «S. Gonçalo de Lagos», I, 190; «S. Gonçalo», 2 exemplares diferentes, I, 195; «S. Gonçalo de Amarante», II, 39; «S. Gonçalo», II, 39; «S. Gonçalo», exemplar minúsculo, II, 62; «S. Gonçalo de Amarante», II, 65; «S. Gonçalo de Amarante», III, 59; «S. Gonçalo de Amarante», 2 exemplares diferentes, III, 192; «S. Gonçalo de Amarante», IV, 206.

A 10 de Janeiro costumavam os officiaes de latoeiro e correio do Pôrto fazer uma grande festa; era o orago da freguesia da Sé. Depois do leilão das fogaças, bandos de solteiras e viúvas entravam no templo e cantavam em côro:

Casai-me, casai-me,  
São Gonçalinho,  
Que hei de resar-vos,  
Amigo Santinho.

Vid. *O Archeologo Popular*, n.º 6-8 de fevereiro de 1840, e Leite de Vasconcelos, *Ensaios Ethnographicos*, III, 264 e sgs.

Diz Gaspar Estaço ter sido S. Gonçalo quem edificou a ponte de Amarante. Vid. discussão no livro já citado *História antiga e moderna da villa de Amarante*, por P. F. de A. C. de M. Londres 1814, p. 31 e sgs. Há convento e igreja de S. Gonçalo nesta vila, onde se faz boa romagem. Vid. *Chorographia de Portugal*—da vila de Amarante, p. 143. S. Gonçalo foi abade de S. Paio de Vizela. Entrou na ordem dos dominicanos em Guimarães. Vid. *Chronica de Sam Domingos* de Frei Fernando de Castilho. Jaz no seu mosteiro em Amarante, onde é festejado anualmente no dia 10 de Janeiro.

Na Beira Alta e no Douro ouve-se cantar:

Se fordes ao S. Gonçalo,  
Trazei-me um Gonçalinho;  
Se não poderdes co'êe grande,  
Trazei-me um pequenino.

Na *Casa dos Vinte e Quatro* instituída por D. João III em 1539, e confirmada em 1771 por D. José I, S. Gonçalo representa uma

<sup>1</sup> Arganil, vila, concelho do distrito de Coimbra.

<sup>2</sup> Amarante, vila, concelho do distrito do Pôrto, na margem do Tâmega.

das *Bandeiras e Offícios* que são: «Tuzadores, Tintoreiros, Tecellões, Esteireiros». Era a *Bandeira de S. Gonçalo*. (De um manuscrito da Biblioteca Nacional cod. pombalino, 653, p. 78).

**Gonzales.**—Vid. Pedro S.

**Graça.**—Nossa Senhora da Graça», *Freire f(icit)*. ou *f(ez)*. Lisboa, I, 27; «Nossa Senhora da Graça», *Carv[alh]o. f(icit)*. ou *f(ez)*., 1817 Lisboa, I, 27; «Nossa Senhora da Graça», *Miguel da Costa des(enhou)*., *A. Costa estamp(ou)*., 1881, Coimbra, I, 75; «Nossa Senhora da Graça» do Monte Farinha em Mondim de Basto<sup>1</sup>, I, 92; «Nossa Senhora da Graça» no Alto do monte Farinha em Mondim de Basto, estampa verde, I, 94; «Nossa Senhora da Graça do Santissimo e Imaculado Coração», I, 173; «Nossa Senhora da Graça», Braga, I, 176; «Nossa Senhora da Graça», Braga, I, 226; «Nossa Senhora da Graça», Cruz dos Mourouços<sup>2</sup>, 3 exemplares diferentes II, 20; «Nossa Senhora da Graça», II, 36; «Virgem Nossa Senhora da Graça», Padroeira da Torre de Valle de Todos<sup>3</sup>, II, 72; «Nossa Senhora da Graça» do lugar da Cruz dos Mourouços, II, 72; «Nossa Senhora da Graça», da igreja do mesmo nome, termo de Pedrogam Grande<sup>4</sup>, II, 73; «Nossa Senhora da Graça», termo de Pedrogam Grande, III, 72; «Nossa Senhora da Graça», IV, 61; «Nossa Senhora da Graça», 2 exemplares diferentes, IV, 63; «Nossa Senhora da Graça», IV, 68; «Nossa Senhora da Graça», IV, 86; «Nossa Senhora da Graça» — «que se venera na quinta da gracioza, termo de Caparica»<sup>5</sup>, IV, 107; «Devota Imagem de Nossa Senhora da Graça e do Seu Santissimo Immaculado Coração» que se venera na Igreja do Convento dos Remedios em Braga. *Sendim fecit* (litografia), IV, 219.

O convento dos Agostinhos de Lisboa tomou o nome de Nossa Senhora da Graça, por causa de um milagroso acontecimento que o *Mapa de Portugal*, de J. Bautista de Castro, narra. Nas redes dos pescadores de Cascais foi encontrada uma imagem da Virgem. Uma menina de peito articulou palavra e disse que levassem a imagem ao convento dos frades de Lisboa. Sucedeu esta *Graça* em 1362, e o convento ficou a chamar-se de Nossa Senhora da Graça. O illustre general Matias de Albuquerque, em serviço na Índia, invocou esta

<sup>1</sup> *Mondim de Basto*: vila, cabeça de concelho (distrito de Vila Real).

<sup>2</sup> *Cruz de Marouços*: freguesia de Santa Clara, concelho de Coimbra.

<sup>3</sup> *Torre de Valle de Todos*: freguesia do concelho d'Ancião (distrito de Leiria).

<sup>4</sup> *Pedrogam Grande*: vila, cabeça de concelho do distrito de Leiria.

<sup>5</sup> *Caparica*, freguesia no concelho de Almada (distrito de Lisboa).

santa, para se salvar de um pelouro, de que ficou ileso *Op. cit.* 3.<sup>a</sup> ed. II, p. 147.

Nossa Senhora da Graça  
Senhora tão pequenina,  
Chamai-me vós afillhada,  
Qu'eu vos chamarei madrinha.

*Revista Lusitana*, x, p. 197, quadra 1019 das «Tradições populares e linguagem de Villa Real», de António Gomes Pereira. Vid. Nossa Senhora da Pena: quadra semelhante. Vid. em Nossa Senhora dos Remédios as capelas das sete Senhoras, irmãs; uma delas é a de Nossa Senhora da Graça, de Mondim de Basto.

Vid. *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, de D. Rodrigo da Cunha, II, cap. 75, pp. 215 a 218.

**Graças.**—«Nossa Senhora das Graças», Outeiro das Cruzes<sup>1</sup>, I, 154; «Nossa Senhora das Graças», Celorico de Basto<sup>2</sup>, I, 219; «Nossa Senhora das Graças», Sinfães<sup>3</sup>, II, 62; «Nossa Senhora das Graças», imagens e scenas de milagres, exemplar grande, III, 110; «Nossa Senhora das Graças, Padroeira da Confraria do Santissimo e Immaculado Coração de Maria», mosteiro da Virgem e Martir Santa Quiteria, do monte Pombeiro, comarca de Felgueiras<sup>4</sup>; o registo tem a imagem de Santa Quiteria «segunda Padroeira da Confraria», IV, 91.

**Gregorio (S.)**<sup>5</sup>.—«S. Gregorio», 2 exemplares diferentes, I, 215.

Em muitos sitios do país, nomeadamente em Trás-os-Montes, diz o povo, de quem vê vomitar «está a chamar por S. Gregorio», ou simplesmente «pelo Gregorio». É uma aproximação onomatopaica, paralela à de *S. Ovidio (Óvido)* para advogado dos ouvidos.

**Guadalupe.**—«Milagrosa Imagem de Nossa Senhora do Guadalupe», venerada no lugar da Silveira Grande, freguesia de S. Sebastião do Espinhal<sup>6</sup>, II, 68.

Nos Açores há um templo de Nossa Senhora de Guadalupe, que fica na base da Ladeira do Pontal, em frente da planície de Courelas (na Ilha Graciosa). É obra do segundo quartel do séc. XVIII; tem no altar-mór a imagem, moderna, de Nossa Senhora de Guadalupe. Há outro em Braga no Monte do Reduto (*Archeologia Christã*, Albano Bellino, p. 248).

<sup>1</sup> *Outeiro das Cruzes*: no concelho de Fafe (distrito de Bragança).

<sup>2</sup> *Celorico de Basto*: vila, concelho no distrito de Braga.

<sup>3</sup> *Sinfães*: vila, cabeça de concelho do distrito de Viseu.

<sup>4</sup> *Felgueiras*: vila, concelho do distrito do Porto.

<sup>5</sup> *S. Gregório*, o Iluminador, patriarca da Arménia, tem festa sua no dia 1 de outubro.

<sup>6</sup> *Espinhal*: freguesia do concelho de Penela (distrito de Coimbra)

**Guarda.**—Vid. *Anjo da Guarda*.

**Guia.**—«Nossa Senhora da Guia»<sup>1</sup>, I, 22; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Guia», I, 82; «Nossa Senhora da Guia», do Castelo de Penacova (*Coimbra*, 1903), I, 133; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Guia», que se venera na Vila do Avelar, I, 137; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Guia», Vila do Avelar<sup>2</sup>, I, 154; «Nossa Senhora da Guia», 3 imagens, 1 sem indicação, outra de Goes<sup>3</sup>, e outra da Vila do Avelar, I, 155; «Nossa Senhora da Guia», Elvas, I, 156; «Nossa Senhora da Guia», I, 178; «Nossa Senhora da Guia», Ribeira de Pera<sup>4</sup>, I, 179; «Nossa Senhora da Guia», 2 exemplares diferentes, II, 29; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Guia», exemplar colorido, II, 49; «Nossa Senhora da Guia», capela do Senhor das Almas, freguesia de Nogueira do Cravo<sup>5</sup>, II, 71; «Nossa Senhora da Guia», de Fajão<sup>6</sup>, II, 76; «Nossa Senhora da Guia», III, 72; «Nossa Senhora da Guia», Castelo de Penacova<sup>7</sup>, 2 exemplares diferentes, fotografavados, cercadura de côr, III, 183; «Nossa Senhora da Guia», Atalaia da Lourinhã<sup>8</sup>, IV, 68; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Guia de Cascais»<sup>9</sup>, IV, 107; «Nossa Senhora da Guia», que se venera em Vila de Rei<sup>10</sup>, IV, 222.

**Guilherme (S.).**—«S. Guilherme, Duque da Quitania» [*d' Aquitania*], que se venera no Convento dos Agostinhos des Calços no Sítio do Grilo<sup>11</sup>, IV, 166.

**Homens (Mãe dos).**—«Nossa Senhora Mãe dos Homens», I, 232. Vid. *Mãe dos Homens*.

<sup>1</sup> No forte da Guia, nas falésias de Cascais, encontra-se a flanco de um farol a capela de *Nossa Senhora da Guia*. Daí abre derrota feliz aos mareantes. Anualmente há ali duas festas: uma do povo de Almoçageme (Sintra), no último domingo de Agosto, a outra do povo de Cascais, na noite de S. João. A capela é de 1570 e foi feita por mando de António Ribeiro da Fonseca, que nela se enterrou; foi reedificada em 1810.

<sup>2</sup> *Avelar*, concelho de Figueiró dos Vinhos (distrito de Leiria).

<sup>3</sup> *Goes*, vila, concelho do distrito de Coimbra.

<sup>4</sup> *Ribeira de Pera*,—*Pera* (?), povoações no concelho de Almada, Pedrogão Grande e Silves.

<sup>5</sup> *Nogueira do Cravo*, freguesias no concelho de Oliveira de Azemeis e no de Oliveira do Hospital (distritos de Aveiro e Coimbra).

<sup>6</sup> *Fajão*, freguesia no concelho da Pampilhosa (distrito de Coimbra).

<sup>7</sup> *Penacova*, vila e cabeça de concelho do distrito de Coimbra.

<sup>8</sup> *Lourinhã*, vila, cabeça de concelho do distrito de Lisboa.

<sup>9</sup> *Cascais*, vila, pôrto de mar, cabeça de concelho do distrito de Lisboa.

<sup>10</sup> *Vila de Rei*, cabeça de concelho do distrito de Castelo Branco (Beira Baixa).

<sup>11</sup> *Grilo*, é um lugar de Lisboa, no Beato (1.º Bairro).

**Hora.**—Vid. *Boa Hora*; «Nossa Senhora da Hora», que se venera em Arcozelo<sup>1</sup>, exemplar colorido, II, 49; «Nossa Senhora da Hora»<sup>2</sup>, III, 74.

**Hospital.**—«Hospital de S. Lázaro», Lisboa, quatro exemplares do mesmo desenho, mas de côr diferente, I, 118.

**Humildade.**—«Senhor Jesus da Humildade», Lisboa, 2 exemplares diferentes, I, 163.

**Iehudiel.**—«Rafael, Uriel, Gabriel, Micael, Sealtiel, *Iehudiel*, Barachiel» (os sete arcanjos), IV, 180.

**Ifigénia (Santa).**—«Santa Ifigénia», Princesa da Nubia (e S. Elsbão), II, 40.

**Ignacio (Santo).**—«Santo Ignacio de Loyola», I, 211; «Santo Ignacio de Loyola», (fotogravura), III, 175; «Santo Ignacio envia S. Francisco Xavier a Portugal e ás Indias Orientais», Cópia de um quadro (fotogravura), III, 175.

**Ignês.**—«Santa Ines», *Vieira inv*(ençou) ou *inv*(enit)., IV, 131.

**Ildefonso (Santo).**—«Santo Ildefonso», Arceb(ispo). Advogado de mortes repentinas, I, 65.

**Immaculata.**—«*Virgo Immaculata*», IV, 98.

O culto da Imaculada Conceição foi reconhecido em Portugal por D. João IV, que colocou o Reino sob o patrocínio da Virgem desta invocação, por Carta Regia de 25 de Março de 1646. Festeja-se a 8 de Dezembro. Há no país lápides comemorativas: ex. nas portas de Extremoz, do tempo do mesmo rei. D. João IV mandou também cunhar medalhas de ouro, dedicadas a Nossa Senhora da Conceição. Vid. Lopes Fernandes, *Memorias das medalhas e condecorações portuguezas*, pag. 13-14: medalhas da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição.

**Imperador.**—«O Senhor D[ivin].º Imperador», que se venera na Igreja das Religiosas de S. Gonçalo, em Angra do Heroísmo, Ilha Terceira (Açores), III, 4.

**Imperio.**—«Imperio da Lapa», Vinde S. Espirito, etc., IV, 18. Vid. *Espirito Santo*.

**Incarnação.**—«Nossa Senhora da Incarnação», Lisboa (?), I, 22; «Nossa Senhora da Incarnação», 3 exemplares diferentes (Recorda-

<sup>1</sup> São várias, pelo menos cinco, as freguesias de Portugal com o nome de Arcozelo.

<sup>2</sup> Perto do Pôrto há uma povoação chamada *Senhora da Hora*, na freguesia de Matozinhos, concelhó de Bouças. Faz-se uma festa a que vai de romaria muita gente do Pôrto folgar e comer pagamente a merenda campestre.

ção da Figueira da Foz), I, 91; «Nossa Senhora da Encarnação», Lisboa (?), IV, 88.

Vid. *Encarnação*.

**Incertos.**—I, 63, (2 exemplares minúsculos), 155, 162, 167, 178, 204, 234; II, 36, (um exemplar grande, 2 exemplares minúsculos), 40, 41, 51, 59, 63, 79, (2 exemplares); III, 12, 16, 151; IV, 18, 53 (5 exemplares minúsculos), 65 (4 exemplares minúsculos), 81, 87, 95 (2 exemplares); 110, 172.

**Incontro.**—Vid. *Encontro*.

**Ines**—Vid. *Ignês*.

**Iria (Santa).**—«Santa Iria», Santarêm (Estremadura), III, 38.

É padroeira da cidade de Santarêm, cujo nome a etimologia tradicional diz provir de *Santa Irene* que depois de morta (1653) ali foi parar levada do Zêzere às águas do Tejo. É conhecida a história de *Santa Eiria*, e a xácara, em que o seu assassinio pelo cavaleiro Britaldo é contado, foi dada por Garret nas *Viagens na minha terra*, cap. XXIX. A lenda do martírio liga-se graciosamente com o poema florido da lenda que foi a vida de Rainha Santa. Abrem-se as águas do Tejo, quando a Rainha pediu à Santa que lhe aparecesse. Cf. Duarte Nunes de Leão, na *Descrição do Reino de Portugal*, fls. 76 v. D. Denis colocou um pedestal de alvenaria no sítio onde apareceu o cadáver da Santa, donde os operários por maiores esforços o não arrancaram.

A câmara de Santarêm em 1644 revestiu o pedestal com cantaria lavrada, e colocou em cima uma imagem da Santa, de bronze, sob uma cúpula que quatro colunas de bronze também suportam. *História Ecclesiástica da Igreja de Lisboa*, de D. Rodrigo da Cunha, I, cap. XXV, p. 54.

**Isabel (Santa).**—«Santa Isabel», I, 51; «Santa Isabel Rainha de Ungria», *Ventura (da) S[ilv].ª inv(enit). ou inv(entou). Santos exc(ulpsit). ou exc(ulpiu).*, Porto, I, 52; «Rainha Santa Isabel», que se venera em Ancião (concelho do distrito de Leiria) *C(aetano). J. E. Alberto f(ez)*, I, 138; «Santa Isabel», Coimbra (2 exemplares diferentes), I, 181; «Santa Isabel» Coimbra, II, 22; «Santa Isabel», Rainha de Portugal, II, 92; «Santa Isabel, Rainha de Portugal» (2 exemplares diferentes), III, 45; «Santa Isabel Rainha de Portugal», Protectora de Coimbra (2 exemplares diferentes). III, 97; «Rainha Santa Isabel», III, 99; «Santa Isabel, Rainha de Portugal», III, 99; «Santa Isabel, Rainha de Portugal», convento de Santa Cruz de Coimbra, III, 100; «Veneranda Imagem da Rainha Santa Isabel, Protectora de Coimbra», III, 155 «Veneranda Imagem de Santa Isabel», 3 exemplares diferentes (2 são bilhetes postais), III, 158.

Santa Isabel é a Rainha de Portugal, que deixou na tradição do do povo o símbolo da bondade, a par com a brava fisionomia de D. Denis senhor do reino e das suas molheres. Enquanto elle ficou, pela poesia rude e pelo desconcerto prolífico, que o povo cantou em trovas mortas, a Rainha quedou-se eternamente na lenda, pátria e religiosa. Em Coimbra é festejada como padroeira da cidade a 7 de Julho. Em Extremoz, no alto do Outeiro do Castelo medieval, envolve grata piedade o velho paço de El-Rei, onde ao povo de hoje chegou que a Rainha Santa se finara. Um romance da Ilha da Madeira, diz assim a certa altura, ao narrar os milagres das rosas:

—«Que levais aí, senhora nesse regaço tamanho?»	»ou isso será dinheiro?»
—«Eu levo cravos e rosas, »pois que outras coisas não tenho.»	..... e eram cravos e rosas, que dinheiro não se viu.
—«Nem sequer há maravilhas, »menos cravos em Janeiro!	.....
»Ou serão esmolas isso?»	A nossa Rainha Santa outros milagres obrou.

*Romanceiro do Archipelago da Madeira*, coligido por Alvaro Rodrigues de Azevedo, pp. 30-31.

D. Carlota Joaquina criou a ordem de Santa Isabel; vid. medalha em Lopes Fernandes, *Memoria de medalhas e condecorações portuguezas*, p. 52; Cf. Dr. Garcia de Vasconcelos, *Evolução do Culto de dona Isabel de Aragão*, 2 vols. 1894. Luís Chaves, *Bibliografia artistica de D. Isabel de Portugal a Rainha Santa*, subsidios, no «Boletim Bibliografico da Academia das Sciencias de Lisboa», 1.<sup>a</sup> serie, vol. II, fasc. 1 (1916).

**Ivo (Santo)**<sup>1</sup>.—«Santo Ivo», advogado dos Pobres, Patrono da Sociedade de advogados de Beja, *Sebastião de Lemos sculp(sit)*, I, 62.

**Ixopério**.—«S. Ixopério», côro baixo do Real Convento do Santíssimo Coração de Jesus, Lisboa, III, 196.

Considerando inicial de um alvará da Rainha D. Maria I, que concede certos privilégios à Piora e Religiosas do Convento do Coração de Jesus, em 1 de Julho de 1782: «Mosteiro dedicado ao Santíssimo Coração de Jesus, para ser povoado pelas Religiosas Carmelitas Descalças, ficando na Minha Real e immediata Protecção, e no Meu perpétuo Padroado, e dotando-o com as rendas, que possui, situadas nas diferentes provincias destes Reinos, etc.»:

De um manuserito de leis da Bibliotheca Nacional.

**Jacinta (Santa)**.—«Beata Jacinta de Mariscoti», II, 44.

**Jacinto**.—«S. Jacinto», ermida da Ascenção, III, 127; «S. Jacinto», III, 193; «S. Jacinto», exemplar colorido, IV, 175.

<sup>1</sup> *Santo Ivo*, é patrono, da classe dos advogados, e festeja-se a 19 de Maio.

**Jacob (S.).**—«S. Jacob Patriarcha», iv, 173.

**Jeronimo (S.).**—«Retrato de S. Jeronimo», Real Mosteiro de Belem (Lisboa-Jeronimos), III, 53; «S. Jeronimo, Dr. da Igreja», III, 62; «S. Jeronimo», Dr. da Igreja, III, 126; «S. Jeronimo», Jeronimos, exemplar grande, fotografavura, III, 179.

O quarto registo é de grande formato; lembra o que Santo Agostinho disse d'este Santo, um dos doutores da igreja, e um dos génios no Cristianismo triunfante: *Quae, Hyerominus ignoravit, in natura humana nullus hominum unquam scivit* (epist. 205). A imagem é de faiança italiana de uma bela policromia. Atribui-se correntemente a Lucca della Robbia. Foi oferecida por Leão X (xv-xvi) ao Rei D. Manuel I para os Jeronimos, onde está.

Quando trovôa, a cada relâmpago diz-se em Mondim da Beira, Fafe, etc.: «Santa Bárbara! S. Jeronimo».

Em Sinfães reza-se uma oração que tem estes dois versos:

—Para onde vaes, S. Jeronymo?

—Vou espalhar a trovoadã.

*Tradições populares de Portugal*, de J. Leite de Vasconcelos, p. 64.

**Jesus (Senhor).**—«O Senhor Jesus», I, 4; «O Senhor Jesus», I, 18; «Senhor Jezus», exemplar colorido, III, 2; «Senhor Jesus de Ponta Delgada» (Açores), cromo, III, 89; «Senhor Jesus Reformador», de Lisboa, III, 140; «O Senhor Jesus», 4 exemplares diferentes, IV, 3; «O Senhor Jesus», com ornatos coloridos, IV, 5; «Amado Jesus», IV, 7; «Amantissimo Jesus», IV, 12; «Nossa Senhora de Jesus», que se venera no seu convento de Lisboa, IV, 90; «Nossa Senhora de Jesus», IV, 104.

**Jesus Cristo.**—«Nosso Senhor Jesus Cristo com a cruz ás costas», II, 24.

**Jesus Maria José.**—«Jesus Maria José», ermida da Senhora do Destêrro, S. Romão de Seia<sup>1</sup>, I, 149; «Fugida de Jesus Maria José para o Egito», II, 41; «Jezus Maria Jozé, fugindo para o Ingito», *Carc[alh].<sup>o</sup> f[ecit]*, 2 exemplares diferentes, III, 9; «Jezus Maria Jozé, Assagrada familia», III, 9; «Jezus Maria Jozé», Lordemão<sup>2</sup>, III, 92; «Jesus Maria José», fugindo para o Egito, exemplar colorido, III, 196.

**Jesus Nazareno.**—«Verdadeiro retrato da milagrosa imagem de Jezus Nazareno, catiuo, eutrajado pellos Moiros.» IV, 5; «Id. id.» IV, 12.

<sup>1</sup> Seia, vila e cabeça de concelho do distrito da Guarda.

<sup>2</sup> Lordemão, freguesia de Eiras, concelho de Coimbra.

No convento do Carmo, em Lisboa, houve uma imagem de Jesus Cristo cativo, que esteve em Argel. Na *Chorographia Portuguesa*, tomo III, pag. 472, marcam-se os prodígios que se realizaram quando foi resgatada esta imagem.

**Joachim (S.).**—Vid. *S. Joaquim*.

**Joanna (Santa.)**—«Santa Joanna», exemplar colorido, II, 23; «Santa Joanna Princesa de Portugal», III, 30; «Santa Joanna Francisca Fremiot Baroneza d'Chantal», III, 48; «Santa Joanna Princesa de Portugal», exemplar colorido, III, 103; «Santa Joanna Princesa de Portugal, Padroeira da Cidade de Aveiro», exemplar grande, fotografia, III, 155.

Santa Joana foi filha de D. Afonso V. Foi este mesmo príncipe quem fundou o mosteiro: Real Mosteiro de Jesus, que, diz Vilhena Barbosa nas *Cidades e Villas de Portugal* I, 58, era «o mais autorizado» dos seis conventos de Aveiro. Santa Joana professou nele e morreu com voto simples, por não lhe consentirem que tomasse votos solenes, em virtude de ser herdeira presuntiva da Corôa. O cadáver da Princesa está no convento que dela tomou nome, num rico tumulo de boa arte.

**Joannes ou Joãnes.**—«*S. Joãnes Baptista*», 2 exemplares (coloridos) diferentes, III, 53; «*S. Joannes Baptista*», III, 125; «*S[anc]f[us]. Joannes de Deo*», III, 178; «*S. Joannes Baptista*», III, 194.

**João (S.).**—«*S. João*», Lisboa, I, 10; «*S. João*», capela de Portunhos, *Coimbra, 1892*, I, 112; «*S. João*», II, 11; «*S. João*», Figueira da Foz<sup>1</sup>, II, 11; «*S. João*», exemplar minúsculo, II, 62; «*S. João*», exemplar pequeno, IV, 166.

Cfr. *Nepumoceno, Deserto, Bérchmans*.

**João Baptista (S.).**—«*S. João Baptista*», 2 exemplares diferentes, I, 8; «*S. João Baptista*», *R. f[ecit].*, ou *f[ez].*, 64; «*S. João Baptista*», da Sé Velha de *Coimbra 1835*, I, 106; «*S. João Baptista*», da capela do seu nome em Portunhos (*Coimbra*) *Dores f[ecit].* ou *f[ez]. 1861*, I, 112; «*S. João Baptista*», do castelo da Louzã (*Coimbra, 25 de Maio de 1885*), I, 138; «*S. João Baptista*», do Espinhal (concelho de Penela, *Coimbra*), I, 191; «*S. João Baptista*», de Portunhos, I, 191; «*S. João Baptista*», cidade da Figueira da Foz (distrito de *Coimbra*) I, 203; «*S. João Baptista*», da Louzã, I, 203; «*S. João Baptista*», da Serra da Moita freguesia de Mouronho<sup>2</sup>, II, 8; «*S. João Baptista*», II, 11; «*S. João Baptista*», II, 63; «*S. João Baptista*»,

<sup>1</sup> Cidade do distrito de Coimbra.

<sup>2</sup> *Mouronho*, concelho de Táboa, distrito de Coimbra.

2 exemplares reduzidos, II, 79; «S. João Baptista», Louzã, II, 84; «S. Pedro de Alva (*Pedralva, concelho de Braga*) II, 84; «S. João Baptista», de Travanca de S. Pedro de Alva, II, 84; «S. João Baptista», da ermida da Senhora da Piedade, próximo do Castelo de Louzan, II, 84; «S. João Baptista», 2 exemplares diferentes, III, 50; «S. João Baptista», 2 exemplares diferentes, III, 55; «S. João Baptista», III, 56; «S. João Baptista e Santo Antão», exemplar grande, duplo, fotografura, Ilha de S. Jorge, Açores, III, 175; «S. João Baptista», Igreja de S. João (Açores), Ilha do Pico (fotografura), III, 176; «S. João Baptista», III, 180; «S. João Baptista», III, 194; sem designação, exemplar pequeno, coloridô, IV, 166; «S. João Baptista», exemplar pequeno, IV, 166; «S. João Baptista», IV, 172; «S. João Baptista», IV, 176; «S. João Baptista», IV, 206.

S. João Baptista forma com o Santo António e S. Pedro a trindade dos santos de maior afeição popular. D. João I ordenou que todos os municípios o festejassem. A multiplicidade de crendices que envolvem este Santo, entrelaçam-se no que de melhor se encontra na poesia pagã e ingénua das almas do campo. É o santo popular por excelência; a êle confiam as moças os segredos do coração, queimam-lhe alcachofras agourentas, e deitam sortes em bochechos de água que dilue nomes que se esperam. As orvalhadas tem, pela noite, ligações íntimas com os banhos sagrados. As fogueiras que os namorados saltam, no meio da roda das raparigas que dançam, tem todo o carácter do culto do fogo no solstício do verão. Este hábito, num meio superior, deu as fogueiras de Coimbra, sem lume, com cantares e danças num tablado. E não só a simetria em relação ao Natal se faz numa forma apagada de adoração do fogo (*fachos e fogueiras de S. João, e cepo do Natal*) mas também se nota no hábito ainda vivo da formação de capelinhas com figuras de barro. Aparece no pino do verão, em capelinhas (*cascatas*) cheias de verdura e repuxos, o presepe frio e nevoento do inverno. Sem o culto do Menino, tudo rodeia em figurações bucólicas a adoração de S. João<sup>1</sup>.

\*

S. João é filho de Santa Isabel,  
Depois foi padrinho de Cristo,  
E pôs-lhe o nome Manuel.

São versos curiosos de uma quadra, colhida pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos no Porto, e por êle inserta nas *Tradições populares de Portugal*, p. 7.

<sup>1</sup> Do uso do facho, na noite de S. João, veja-se Francisco Manuel de Mello, na *Harpa de Melpomene*, in *Tres Musas*, (1649) onde ha um soneto dos «Fuegos en noche de San Juan», fs. 24.

Na madrugada de S. João saem as mouras encantadas a pascero o seu rebanho, a contar ás máguas de tristes emparedadas, ou a pentear no fresco das orvalhadas com pentes de ouro os cabelos de raios de sol. A imaginação livre do povo, aquecida pela tradição oral, e pela fantasia dos tesouros arreigados, põe ao luar de S. João toda a força da sua poesia.

Toda a herva tem virtude  
Na manhã de S. João.

*Revista de Guimarães*, xv, p. 66.

Nessa noite, pelo campo, tudo é sagrado. Nos ranchos que cantem e implorem a proteção do Santo para que as case, o orvalho é milagroso. O mangerico, o cravo, o trevo, a alcachofra, gosam de virtudes únicas. Muitas vezes finda a festa como diz a cantiga de Mondim da Beira, citada também pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos l. c.:

Na manhã de S. João  
Muita pancada apanhei,  
Por via das alcachofras  
Que por ti, amor, deitei.

Na *Revista Lusitana*, xi, 10, a Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaelis refere o hábito de levar ramos verdes com perinhas de S. João, que são os ramos de lampas de S. João. Cita um passo de Gil Vicente na *Comédia de Rubena* onde um pretendente à mão da princezinha Cigmena se põe a narrar as homenagens que a Sua Alteza prestava:

Trago-lhe aqui mil gaiteiros;  
Lampas cada San João...

*Gil Vicente*, vol. II, 51.

Em Braga (S. João da Ponte) e no Porto fazem-se grandes festas a S. João, mas principalmente ña primeira cidade, onde há descantes, ballados de figuras com trajas historiados, cortejos, serenatas e a clássica iluminação à moda do Minho com pirotecnicia de Viana.

Cf. José Gomes, *O S. João de Braga*, 1904 e *Minho Pittoresco*, II, p. 40 e 41.

Em Leça de Bálío, Vila do Conde, Penafiel, etc. no distrito do Porto, diz-se que o sol na manhã de S. João vem a dançar.

E em Lisboa resta ainda o galante costume dos cravos de papel com uma quadra amorosa (há exemplares no Museu Etnológico); êstes porêm vão cedendo o campo, a pouco e pouco, ás flores de luxo feitas de cambraia (rosas, cravos, amores perfeitos) que não esquecem porêm as quadras de «pé quebrado».

João da Mata (S.). — «S. João da Mata», IV, 180.

**Joaquim (S.).** — «S. Joaquim», Lisboa, I, 187; «S. Joaquim», (Figueiró dos Vinhos)<sup>1</sup>, II, 94; «S. Joaquim», exemplar minúsculo, II, 62; «Imagem de S. Joaquim», Figueiró dos Vinhos, II, 94; «S. Joachim», 2 exemplares diferentes, III, 194; «S. Joachim», III, 196; «S. Joaquim», IV, 165.

**Jorge (S.).** — «S. Jorge Martir», lith[ographou] A. Costa, Coimbra, I, 101; «S. Jorge Martir», que se venera na sua capela em Escapães<sup>2</sup>, *Dores f'ecit* ou *f(ez)*, 1860, I, 101; «Milagrosa Imagem de S. Jorge Martir», que se venera na sua capela em Eira-Pedrinha<sup>3</sup>, lith[ographou] A. Costa, Coimbra, I, 101; «S. Jorge», que se venera na sua capela em Escapães, I, 186; «S. Jorge», que se venera na capela da Valdeira, freguesia de Pombal<sup>4</sup>, I, 186; «S. Jorge», que se venera na sua capela em Brunhós<sup>5</sup>, I, 186; «S Jorge Martir, Defençor de Portugal», *Quinto gr(avou)*, IV, 181. Vid. *S. George Martir*.

S. Jorge tem tido uma devoção ininterrupta em terra portuguesa, desde 1381. Foi o defensor do Reino, e era tutelar das milícias portuguesas, que fizeram o milagre do opor na idade média uma resistência eficaz contra a dissolução interna e a conquista estrangeira (Alexandre Herculano, *Opusculos VI*, 2.<sup>a</sup> ed. p. 322), e constituíram as expedições de navegantes e guerreiros do Império de Portugal. Aos gritos dos Castelhanos de *Castella e Santiago!* respondiam os Portugueses com os brados de *Portugal e S. Jorge!* D. Nuno Álvares Pereira tinha no quarto inferior, interno, do seu pendão, uma imagem de S. Jorge a orar. Este Santo foi introduzido em Portugal pelos Ingleses, no tempo da aliança de D. Fernando, o *Rei Formoso*, com eles (*Panorama I.ª Série*, 1838, p. 389, 2.<sup>a</sup> coluna, nota 2; Alexandre Herculano). Antes disso era o mesmo que o dos Castelhanos o grito de guerra dos soldados portugueses, como o tinha sido o dos Ingleses e Cruzados. O Santo associa-se às lendas mitológicas dos dragões esmagados pelos guerreiros que lhes surpreendem a guarda. No Cristianismo tem outro companheiro, herói de igual façanha, que é S. Miguel Arcanjo esmagando o Anjo do Mal. São os símbolos da luta dos *dois princípios*, formam a base de toda a cosmologia mítica. E nas névoas do Setentrião, S. Jorge é o Sigurd escandinávico, ou Siegfried germânico, irmãos um e outro de Apollo, Jasão, Hercules, Cadmo, na Grécia, de Indra e Vischnu na Índia, das divindades e heróis nebulosos da China e do Japão onde o dragão é símbolo de raça. De invocação militar, ele guerreiro, foi pelos

<sup>1</sup> *Figueiró dos Vinhos*, vila e cabeça de concelho, do distrito de Leiria.

<sup>2</sup> *Escapães*, freguesia do concelho da Feira (distrito de Aveiro).

<sup>3</sup> *Eira Pedrinha*, freguesia no concelho de Mealhada (distrito de Coimbra).

<sup>4</sup> *Pombal*, vila e concelho do distrito de Leiria.

<sup>5</sup> *Brunhós*, freguesia do concelho de Soure (distrito de Coimbra).

tempos fora festejado pelos militares; o dia da procissão era uma data militar, em que havia parada da guarnição nas praças de armas, e revista passada pelo Santo a cavalo, com um cortejo de estado maior e cavalos ajaezados. O patrono da cidade de Bragança, e os habitantes da cidade iam, por voto inviolável desde largos séculos, festejá-lo em sua capela fora de portas. Igualmente acontecia com os povos do Samil. Vid. *Agiologio Lusitano*, Cardoso, II, 691. O rapazio bragançano, com a toada dos clarins do cortejo do Santo, cantava:

Lá vem S. Jorge,  
Pega na burra e foge.

Na Procissão de *Corpus Christi* aparecia sempre S. Jorge, e por isso ela tomava o nome dele. O que eram as festas desta comemoração veja-se no vol. I da *Historia da Administração Publica em Portugal*, de Gama Barros, p. 529, a procissão de Coimbra em 1517, segundo parece; e em *O Santo da Montanha*, de Camilo Castelo Branco, cap. 50-62 da 3.<sup>a</sup> ed., as «festas de Corpus Christi em Braga», em 1687. Numa e noutra noticia se fala da serpe, o dragão que na lenda, como acima se disse, S. Jorge matou; este monstro figurava nas procissões, assim como S. Cristóvão, o que dava ao cortejo um caracter de festa de Hercules. Da serpe vid. noticia larga no livro do Dr. José Leite de Vasconcelos, *De Campolide a Melrose*, 1915, pp. 123-130, e estampá IX, a p. 155. Veja-se, na *Historia de Portugal* de Pinheiro Chagas, noticias da chegada a Lisboa dos vencedores Aljubarrota, recebidos com a imagem de S. Jorge, levada procissionalmente, (II p. 325). Instituiu-se a festa de S. Jorge em 301 (Parthey, *Hermetis Trismegisti Poemander*, Berlim, 1854, p. 117).

**José (S.)**<sup>1</sup>. — «S. José», I, 8; «S. José», 2 imagens diferentes, I, 14; «S. José», sem indicação, I, 36; «S. José», I, 63; «S. José», 64; «Jesus Maria e José», I, 149; «S. José», Angra, I, 206; «S. José», 2 exemplares, II, 9; «S. José», exemplar minúsculo, II, 62; «Patriarcha S. Jozé», III, 56; «S. José», Santa Justa de Coimbra, III, 124; «S. José», no Bairro Operário, Coimbra, III, 124; «Santa Maria de Belem e S. José», Igreja dos Jerónimos (Lisboa), fotografia, exemplar duplo, III, 174; «Senhor S. Jozé Dignissimo Esposo da Mai de Deos», Alcantara, Lisboa, III, 197; «S. Jozé Esposo da Virgem Maria», 2 exemplares diferentes, III, 198; «S. Jozé», III, 198; «O Senhor São Jose», III, 198; «S. Jozeph», IV, 164; «Image do grande Patriarcha S. José» «que venerão os Irmãos da Sua Irmandade na sua própria Igreja», IV, 169; Sem indicação, IV, 170;

<sup>1</sup> S. José é advogado dos carpinteiros, pedreiros, torneiros e tamanqueiros. O dia da festa é a 19 de Junho.

«S. Joze», exemplar colorido, iv, 175; «S. Joze a q̃ venera a sua »Irmandade dos Offícios de Carpinteiro; Pedreiro, e mais annexos», *Carp[inetti]. f[ecit].* iv, 180. Vid. *Cupertino (S.)* e *Joseph (S.)*.

**Joseph (S.)**.—«S. Joseph», *Silva inv(enit). et sculp(sit).*, I, 65; «S. Jozeph», 2 exemplares diferentes, III, 197; «S. Joseph», III, 198. Vid. também JOSÉ (s.).

S. Joseph tem uma imagem, muito milagrosa, na igreja do hospital de Tavira. Tem suado abundantemente. Suou em Domingo de S. Lázaro, em 5.<sup>a</sup> feira e Sábado seguintes, de 1722, e na quaresma. *Mappa de Portugal*, J. Bautista de Castro, 3.<sup>a</sup> ed. II, 156.

«Sam Joseph» era patrono de uma das *Bandeiras* da Casa dos Vinte e Quatro, instituída por D. João III (1539), e reformada por D. José I (1771). Os officios eram;—cabeça: Pedreiros, Carpinteiros de casas. —anexos: Canteiros, Ladrilhadores e Violeiros. (De um manuscrito da Biblioteca Nacional., cod. pombal. 653, p. 78).

**Jozeph (S.)**.—Vid. *Joseph (S.)*.

**Juda**.—«Nossa Senhora da Juda».

Vid. *Ajuda*.

**Julia**.—Vid. *Maxima (S.<sup>ta</sup>)*.

**Julião (S.)**<sup>1</sup>.—«S. Julião e Santa Bazaliza<sup>2</sup>», I, 13; «S. Julião e Santa Bazaliza», exemplar minúsculo, III, 29.

**Justa (Santa)**<sup>3</sup>.—«Santa Justa Martir», que se venera na sua Capela da Serra de Valongo<sup>4</sup>, I, 46; «Santa Justa do Monte, que se venera na freguesia de S. Pedro de Arcos<sup>5</sup> e a festividade no dia 17 de Julho», I, 93.

**Lampadoza**.—«Nossa Senhora da Lampadoza», I, 85.

**Lapa**.—«Nossa Senhora da Lapa», que se venera no Dianteiro<sup>6</sup>, I, 142; «Nossa Senhora da Lapa», Pôrto, I, 162; «Nossa Senhora da Lapa», Lamego<sup>7</sup>, I, 178; «Nossa Senhora da Lapa», do Bispado de Lamego, 3 exemplares diferentes, IV, 84; «Nossa Senhora da Lapa», RAIMUNDO JOAQUIM DA COSTA, *dez(enhou). e grav(ou)*, IV, 100.

<sup>1</sup> Festeja-se a 9 de Maio.

<sup>2</sup> Vid. *Bazaliza*.

<sup>3</sup> *Santa Justa com Santa Rufina* são padroeiras dos Oleiros. A festa realiza-se no dia 17 de Julho. Tem orago em Lisboa.

<sup>4</sup> Indicação indecisa.

<sup>5</sup> *S. Pedro dos Arcos*, ou só Arcos, freguesia no concelho de Ponte de Lima (distrito de Viana).

<sup>6</sup> *Dianteiro*, uma povoação no concelho de Coimbra, outra no de S. Pedro do Sul.

<sup>7</sup> *Lamego*, cidade da Beira Alta (distrito de Viseu).

O santuário de Nossa Senhora da Lapa é na Beira um dos mais frequentados. A imagem foi encontrada por uma pastora, em 1408; a rapariga era muda, e foi contar o aparecimento da santa, que tem dois palmos de altura, em uma gruta de «quatro pedras mui grandes, »e de um natural, e exquisito artificio». E célebre o número de milagres, e fazem-se romarias desde o Espírito Santo até Outubro. *Mappa de Portugal*, de João Bautista de Castro, 3.<sup>a</sup> ed. II, p. 150. Em Vila do Conde há uma igreja desta invocação a que as povoações costeiras fazem romaria. Em Rio de Moinhos, junto de Viseu, quem fôr a primeira vez à romaria de Nossa Senhora da Lapa, tem de num ponto do caminho tomar um seixo, metê-lo na bôca, e deitar uma pedra para o monte. Como taxa, paga a patente aos companheiros. *Tradições populares de Portugal*, Leite de Vasconcelos, p. 97.

Para o estudo das lendas que envolvem scenários de «lapas», vid. *Religiões da Lusitânia*, de Leite de Vasconcellos, I, 219 e 290 nota 1.

**Lapinha**<sup>1</sup>.—«Nossa Senhora da Lapinha», venera-se em Guimarães (Minho, distrito de Braga), I, 36; «Nossa Senhora da Lapinha», I, 172; «Nossa Senhora da Lapinha»<sup>2</sup>, III, 95.

**Laurentius B.**—Vid. *S. Lourenço*.

**Lázaro (S.) B.**—«S. Lazaro», I, 12; «S. Lazaro», I, 57; «S. Lazaro Advogado de Lepra e mal da pelle», 5 exemplares diferentes, 2 coloridos e todos com dizeres variados, I, 130; Vid. *Hospital* (de S. Lázaro); «S. Lazaro», 2 exemplares diferentes, II, 58; «S. Lazaro», *advogado de Lepra e mal da pelle*, III, 117; «S. Lazaro», 2 exemplares diferentes, III, 124; «A milagrosa imagem de S. Lazaro», III, 195; «S. Lazaro», IV, 172.

S. Lázaro é advogado dos gafos. Em Creixomil (Guimarães) houve antigamente um hospital de gafos, de que ficou a capela. As pessoas carregadas de feridas, diz-se que andam *lazaras*, *lazarentas*, ou como um *lázaro*.

Tem nas suas capelas ex-votos de quem sarou de chagas e lepra.

**Ledovina (Santa)**.—Vid. *Ludovina*.

**Leocadia (Santa)**.—«Santa Leocadia», I, 48; «Santa Leocadia», Virgem Mártir, IV, 131.

**Leonardo (S.)**.—«S. Leonardo», II, 65.

**Livração**.—«Nossa Senhora da Livração», I, 223.

<sup>1</sup> Confira *Guimarães e Santa Maria*, do Ab. de Tãgilde, Oliveira Guimarães, 1904, p. 85.

<sup>2</sup> Vid. a última notícia de *Nossa Senhora da Lapa*.

**Livramento.**—«Nossa Senhora do Livramento», I, 220; «Nossa Senhora do Livramento», Chelo<sup>1</sup>, II, 96; «Nossa Senhora do Livramento», da Bairrada, II, 69; «Nossa Senhora do Livramento», que se venera na ermida de S. Geraldo, na freguesia de Pinheiro de Aguiar, II, 69; «Nossa Senhora do Livramento», de Chelo, II, 73; «Nossa Senhora do Livramento», em Chelo, II, 96; «Nossa Senhora do Livramento», Ilha Terceira (Açores), III, 84; «Nossa Senhora do Livramento», Angra do Heroísmo (Ilha Terceira), III, 147; «Nossa Senhora do Livramento», Miranda do Corvo (distrito de Coimbra), III, 152; «Nossa Senhora do Livramento», Braga (Minho), III, 165; «Nossa Senhora do Livramento dos Religiosos de Alcântara» (4.º bairro), Lisboa, 2 exemplares diferentes, IV, 68; «Nossa Senhora do Livramento», 2 exemplares diferentes, IV, 69; «Nossa Senhora do Livramento», IV, 81; «Nossa Senhora do Livramento», IV, 84.

Nossa Senhora do Livramento é da igreja do antigo convento dos Trinitários de Alcântara, em Lisboa (4.º bairro). Atribuem-se-lhe muitos milagres. No Furadouro ao poente de Ovar (distrito de Aveiro), há uma capela muito estimada na costa, sob a invocação de Nossa Senhora do Livramento (dos Navios). *Mappa de Portugal*, J. Baptista de Castro, 3.ª ed., II, 148.

Diz uma quadra moderna, de toada melancólica:

Ó Senhora do Livramento,  
Livrai o meu namorado...

Cantam-na á Santa as namoradas, para que os noivos não fiquem soldados.

Em Belém (4.º Bairro de Lisboa) foi erguida uma igreja por monumento comemorativo de ter ficado salvo El-Rei D. José I, do atentado contra elle movido na noite de 3 de Setembro de 1758.

**Lomba.**—«Nossa Senhora da Lomba», festeja-se em Pinhanços<sup>2</sup> no 3.º domingo de Agosto, I, 141.

**Loreto.**—«Vera effigie de Nossa Senhora do Loreto», III, 16; «Nossa Senhora do Loreto», III, 17; «Nossa Senhora do Loreto», Capela do seu nome no Arco da Calheta, Ilha da Madeira, III, 81.

**Lourdes.**—«Nossa Senhora de Lourdes», que se venera, no Monte Alto em Arganil<sup>3</sup>, I, 81; «Imagem de Nossa Senhora de Lourdes», que se venera na sua Capela do Abrunheiro Grande (Fundada<sup>4</sup>)

<sup>1</sup> Chelo, diferentes povoações com este nome.

<sup>2</sup> Pinhanços, freguesia do concelho de Seia, distrito de Coimbra.

<sup>3</sup> Arganil, vila, concelho do distrito de Coimbra.

<sup>4</sup> Fundada, freguesia do concelho de Vila de Rei (distrito de Castello Branco).

I, 149; «Nossa Senhora de Lourdes», 3 exemplares, um da freguesia de Pecegueiro<sup>1</sup>, outro de Freineda<sup>2</sup>, e á outro de Carregosa<sup>3</sup>, I, 160; «Nossa Senhora de Lourdes», Carregosa, II, 91; «Nossa Senhora de Lourdes», III, 95; «Nossa Senhora de Lourdes» (fotografia), III, 145.

«A data deste livro é Nossa Senhora de Lourdes que está fazendo os milagres, principalmente entre a sociedade culta, que sabe ser devota em francez ou que segue eruditamente as traducções mais recentes das bibliothecas romanticas.»

*As Praias de Portugal*, Ramalho Ortigão, pags. 103-104 (1876).

**Lourenço (S.).** — «S. Lourenço», Santa Combadão<sup>4</sup>, I, 183; «S. Lourenço», II, 59; «S. Lourenço», exemplar minúsculo, II, 65; «S. Lourenço», Santa Combadão, III, 120; «S. Lourenço Martyr», IV, 164; «*Vera effigies B. Laurentii Monachi S. Hieronymi Monasterii, vulgo Mato. Floruit An. MCCCC. Natalis dies, IX Febr. God(inh)o fecit.*», ou *f(ez)*. 1783, IV, 165; «S. Lourenço Martyr», IV, 180.

Em Ponte da Barca, na freguesia de S. Lourenço de Toredó, a primeira pessoa, que entrar na igreja dêste santo na manhã da festa, fica livre de todo o achaque. Tem grande romaria.

*Chorographia de Portugal* I, 238.

*Mappa de Portugal* 3.<sup>a</sup> edição II, 156.

As estrelas cadentes chama-lhes o povo *lágrimas de S. Lourenço*.

*Tradições populares de Portugal*, Leite de Vasconcelos, pag. 31.

Diz-se vulgarmente:

Em dia de S. Lourenço

Vae á vinha e enche o lenço.

Por onde se depreende que, nos fastos dionisiacos do Cristianismo, êste santo anda aliado com S. Martinho.

**Lucas (S.).** — sem designação, II, 8.

**Lucio (S.).** — «S. Lucio» e «Santa Bona», IV, 171.

**Ludovicus. (S.)** — «S. Ludovicus», *(Carvalho). f(icit)*. ou *f(ez)*., I, 64.

<sup>1</sup> *Pecegueiro*, freguesia do concelho de Sever do Vouga (distrito de Coimbra).

<sup>2</sup> *Freineda*, freguesia do concelho de Almeida (distrito da Guarda).

<sup>3</sup> *Carregosa*, freguesia do concelho de Oliveira de Azemeis (distrito de Aveiro).

<sup>4</sup> *Santa Comba Dão*, vila, cabeça de concelho distrito de Viseu.

**Ludovina (Santa).**—«Santa Ledovina», iv, 135.

**Luis (S.)**<sup>1</sup>.—«S. Luis, Bispo», iii, 200; «S. Luiz», exemplar minúsculo, iv, 166.

**Luis Gonzaga (S.)**.—«S. Luiz Gonzaga», *Godinho f(ecit)*, ou *f(ez)*., Lisboa, i, 9; «S. Luiz Gonzaga», i, 63; «S. Luiz Gonzaga», (exemplar em fotogravura), iii, 175; «S. Luiz Gonzaga», iv, 166.

**Luiz (S.)**.—Vid. *Luis*.

**Luiz Gonzaga (S.)**.—Vid. *Luis Gonzaga (S.)*.

**Luz.**—«Nossa Senhora da Luz», 2 exemplares diferentes, i, 28; «Nossa Senhora da Luz», um exemplar muito pequeno, i, 152; «Nossa Senhora da Luz», i, 232; «Nossa Senhora da Luz», 2 exemplares diferentes, ii, 69; «Nossa Senhora da Luz», Lagos (Algarve), ii, 75; «Nossa Senhora da Luz», Ermida da Quinta de Sampaio, iii, 129; «Nossa Senhora da Luz», 2 exemplares diferentes, iv, 61.

Nossa Senhora da Luz tem o seu santuário em Carnide, nos arredores de Lisboa. Entre muitos prodígios convém lembrar que a tradição lendária transmite de um milagre feito a Pedro Martins, do lugar, em 1463. Estava cativo em África, e a Nossa Senhora trouxe-o com as cadeias à pátria. As cadeias estiveram por muito tempo na igreja como sinal de gratidão. *Sanctuario Marian.* i, 13.

Na *Revista de Guimarães*, iv, p. 44, Leite de Castro menciona esta crença minhota:

A Senhora da Luz chora,—inverno fora.

A Senhora da Luz ri,—inverno para vir.

**Luzia (Santa)**<sup>2</sup>.—«Milagrosa Imagem de Santa Luzia», que se venera na sua Igreja ás Portas do Sol<sup>3</sup>, Lisboa, i, 46; «Santa Luzia», V. e M. que se venera na Cathedral do Porto; i, 50; «Santa Luzia», que se venera na sua Real Igreja ás Portas do Sol, Lisboa, i, 50; «Santa Luzia, V. M.», i, 79; «Santa Luzia V. M.», que se venera em Santa Clara a Nova, Coimbra. *Dôres f(ez)* ou *f(ecit)*: i, 85 (2 exemplares diferentes); «Santa Luzia V. M.», *Dôres lith(ografou)* Coimbra 1843, i, 85; «Santa Luzia, V. M.», *Miguel Costa D(esenhou)* 1878: i, 85; «Santa Luzia V. M.», que se venera em Santa Clara *José das Dôres f(ez)* ou *f(ecit)*. 1868, i, 90; «Imagem de Santa Luzia», que se venera na sua capela no monte do mesmo nome, sobranceiro á cidade de Viana do Castelo (Minho), 2 exemplares diferentes, i, 147;

<sup>1</sup> A igreja dêste Santo em Lisboa, é destinada ao culto da colónia francêsa.

<sup>2</sup> *Santa Luzia* é advogada contra os males dos olhos.

<sup>3</sup> *Portas do Sol*, Lisboa, freguesia de S. Vicente, 1.º bairro.

«Santa Luzia», Espinhal<sup>1</sup>, I, 156; «Santa Luzia» de Estremoz<sup>2</sup>, I, 161; «Santa Luzia», 2 exemplares diferentes, II, 5; «Santa Luzia» da Igreja das Portas do Sol, Lisboa, II, 31 (2 exemplares diferentes); «Santa Luzia», II, 55; «Santa Luzia», que se venera na capela de S. Verissimo de Lagarès, Felgueiras<sup>3</sup>, II, 55; «Santa Luzia», de Sarzeda, concelho de Sernancelhe<sup>4</sup>, II, 77; «Santa Luzia», capela do lugar das Fontainhas, freguesia da Louzã<sup>5</sup>, II, 77; «Santa Luzia», Igreja das Portas do Sol, III, 30; «Santa Luzia», três exemplares, 1 grande e 2 minúsculos, III, 30; «Santa Luzia», III, 32; «Santa Luzia», III, 33; «Santa Luzia», Real Igreja, Largo de Santa Luzia, Lisboa, III, 33; «Santa Luzia», Real Igreja ás Portas do Sol, III, 33; «Santa Luzia», Misericórdia d'Elvas, III, 33; «Santa Luzia», III, 34; «Santa Luzia», III, 48; «Santa Luzia», III, 98; «Santa Luzia V. M.», 2 exemplares diferentes, III, 99; «Imagem de Santa Luzia», exemplar grande, Viana do Castelo, III, 157; «Santa Luzia», 4 exemplares diferentes, IV, 134.

Na minha provincia de Trás-os-Montes chama-se Santa Luzia à palmatória, e dizem os mestres que dá vista aos cegos: no dia da santa, festeja-se a palmatória, que às vezes é adornada e deposta em um altazinho com decoração de roupados; a santa não castiga nesse dia.

A vista de Viseu, num viso, há uma capela de Santa Luzia, com imagem prodigiosa, aonde vai muita gente no dia da romagem. Canta o povo de Vila Rial, em uma forma conhecida em Lisboa com referência ao Senhor da Serra:

Fostes à Santa Luzia  
Nem um *pito* me trouxestes;  
Nem os mouros da Mourama  
Faziam o que tu fizestes.

Canta-se lá também uma quadra, que dá informação de uma Santa Luzia milagrosa:

Senhora Santa Luzia  
Do logar de Carrazedo,  
Dai-me vista ós meus olhos,  
Qu'andar cego é degado.

Estes versos, o último dos quais é duma expressão perfeita e de uma admirável emoção, foram dados pelo meu antigo mestre de lite-

<sup>1</sup> *Espinhal*, povoações nos concelhos de Estarreja, Famalicão, Vila Nova de Cerveira, Arcos de Val de Vez e Penela.

<sup>2</sup> *Estremoz*, vila, cabeça de concelho do distrito de Évora.

<sup>3</sup> *Felgueiras*, vila, cabeça de concelho do distrito do Pôrto.

<sup>4</sup> *Sernancelhe*, vila, cabeça de concelho do distrito de Viseu.

<sup>5</sup> *Louzã*, vila, cabeça de concelho do distrito de Coimbra.

ratura no liceu do Porto, Sr. P.<sup>o</sup> António Gomes Pereira in *Revista Lusitana*, x, p. 156, quadra n.<sup>o</sup> 850 das «Tradições populares e linguagem de Villa Real».

\*

As *arremedas* todós os lavradores as conhecem. No dia 13 de Dezembro realiza-se a experiência de procurar saber se haverá bom ou mau tempo em Janeiro. Se chover no dia 13, o mês de Janeiro corre com cópia de chuvas, o dia 14 tem validade para Fevereiro, 15 para Março, e assim por diante até 24 que corresponde a Dezembro. Se o dia 25 está de sol, prevalece o sol dêste dia que vem anular o preságio da chuva de 13; igualmente o sol de 26 contraria a chuva de 14; esta contraprova tem o nome de *desarremedas*.

*Revista de Guimarães*, iv, p. 42, estudo de Leite de Castro.

\*

A pagina 467, 1.<sup>a</sup> columna do III volume dos *Serões* (2.<sup>a</sup> série), Pereira de Sampaio (Bruno), refere-se ao Regimento dos pedreiros e taapeiros de Lisboa e sua comarca, e aos estatutos da confraria da gloriosa virgem e mártir Santa Luzia, sua protectora, (artigo: *A Bibliotheca Publica do Porto*).

**Macario (S.).**—«S. Macario», ermida de S. Macario, na serra de S. Macario, freguesia do Sul<sup>1</sup>, 2 exemplares diferentes, 1 colorido, II, 57; «S. Macario», III, 63.

João Baptista de Castro refere uma imagem de S. Macário em uma ermida na freguesia de S. Martinho de Moitas, concelho de Gafanhão, distrito de Viseu; *Mappa de Portugal*, 3.<sup>a</sup> ed., II, p. 156.

**Madeira.**—«Nossa Senhora do Monte da Ilha da Mad[ei]ra»<sup>2</sup>, IV, 220.

**Madre de Deos.**—«Nossa Senhora da Madre de Deos», de Guimarães (distrito de Braga), I, 30; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora Madre de Deus», exemplar minúsculo, II, 62; «Nossa Senhora da Madre de Deus», Figueiró dos Vinhos (distrito de Leiria), III, 169; «Nossa Senhora da Madre de Deos», 2 exemplares diferentes grandes, IV, 51; «Verdadeira effigies da Image q̃. se venera no Real Convento de Nossa Senhora Madre de Deus», de Lisboa, IV, 94.

<sup>1</sup> Sul, vila no concelho de S. Pedro do Sul (distrito de Viseu).

<sup>2</sup> Vid. nota 1 de *Monte*.

É «imagem perfeitíssima» a de Nossa Senhora da Madre de Deus, e o santuário foi um dos mais concorridos na capital. Pertence ao convento de franciscanas, a que a Rainha D. Leonor, a fundadora, não sabia que nome desse. Uns estrangeiros apareceram em palácio com uma imagem para vender. A esposa de D. João II hesitava em razão do alto preço que lhe pediam, e disse-lhes que voltassem no dia imediato. Eles deixaram a imagem, e não apareceram outra vez. A Rainha crente na indicação celeste, colocou a imagem de Nossa Senhora no mosteiro que dela recebeu a invocação de Madre de Deus.

Cf. *Chronica do felicissimo rei Dom Emmanuel*, Damião de Goes, parte IV, cap. 26.

**Mafalda (Santa).** — «Santa Mafalda», venerada em Arouca<sup>1</sup>, (colorido), *Manoel Correia f(ecit)* ou *f(ez)*, I, 48; «Santa Mafalda», venerada em Arouca. *Manoel Correia f(ecit)* ou *f(ez)*, I, 48; «Santa Mafalda, Rainha de Castella», Arouca, III, 33; «Santa Mafalda», Arouca, *G. F. L. Debrie inv(enit). et sculp(sit). 1750*, III, 42.

Santa Mafalda foi infanta de Portugal; era filha de D. Sancho I e da Rainha D. Dulce. Morreu no convento cisterciense de Arouca, (freguesia, cabeça de concelho do distrito de Aveiro), no dia 2 de Maio de 1282. *Agiologio Lusitano*, Cardoso, I, 378.

**Magdalena.** — «Santa Maria Magdalena», 3 exemplares diferentes, I, 47; «Santa Maria Magdalena», IV, 135.

**Malta.** — «Senhor da Malta», Macedo de Cavaleiros<sup>2</sup>, I, 170; «Estampa do Divino Senhor da Malta», freguesia de Olmos, Macedo de Cavaleiros, III, 140.

**Mamede (S.).** — «S. Mamede», exemplar minúsculo, III, 53; «S. Mamede», III, 200.

S. Mamede é advogado contra incendios, como S. Marçal, Santa Clara, etc., e festeja-se no dia 17 de Outubro. Era santo de muita devoção entre as matronas lusitanas, a quem ele dava abundancia de leite. Ha uma imagem milagrosa em Belas, na ribeira das Aguas Livres. *Chorographia de Portugal*, III, p. 152.

**Mão.** — «Mão da Nossa Madre Santa Thereza de Jesus», Convento das Religiosas Carmelitas Descalças de Santo Alberto de Lisboa, *Dias Costa lith(ographou)*, III, 103.

**Marçal (S.).** — «S. Marçal», III, 55; «S. Marçal», 2 exemplares diferentes, III, 65.

<sup>1</sup> Arouca, vila, concelho do distrito de Aveiro.

<sup>2</sup> Macedo de Cavaleiros, vila, cabeça de concelho do distrito de Bragança.

S. Marçal é advogado contra incendios, como Santo Elias, Santa Clara, S. Mamede. É advogado dos bombeiros, derivação logica de ser protector contra incendios. Festeja-se a 30 de Junho. Aparece com Santa Clara, ou só, nos registos de azulejos; cf. *Ceramica Portuguesa*, J. Queiroz, p. 232.

**Marcos (S.).** — «S. Marcos Evangelista», I, 19; «S. Marcos» (Certã), I, 190; «S. Marcos» Certã, II, 83; «S. Marcos», Monte de Santo Antonio, próximo da Certã (distrito do Castelo Branco), II, 83.

**Margarida (Santa).** — «Santa Margarida V. M.», *Ventura S(ily)a inv(entou) ou inv(enit)*. *Santos exc(ulpiu) ou exc(ulpsit)*, I, 52; «Santa Margarida de Cortona», III, 43; «Beata Margarida Maria Alaquoque», Quadro de A. Hesse, III, 156; «Santa Margarida de Cortona», 2 exemplares diferentes, I a côr. *God(inh).º f(ecat) ou f(ez)*, IV, 133.

**Maria.** — «Veneravel Madre Maria do Lado». Vid. *Misericordias*; «Jesus, Maria, José», I, 149; «Jesus, Maria, José», 2 exemplares diferentes, II, 9; «Lembrança do Mês de Maria», II, 9; Vid. *Mês de Maria*; «Santa Maria» exemplar minúsculo, II, 62; «Maria concebida Immaculada» (colorido), *J. J. Santos exc. (?) Lisboa 1832*, III, 14; «Maria concebida sem mancha», III, 16; «Maria Advogada Nossa», III, 80; «Maria Advogada Nossa», Vicovaro, junto a Roma, III, 101; «Maria Concebida sem pecado», III, 113; «Santa Maria de Belem e S. José» Real Igreja dos Jerónimos. Lisboa, III, 174.

A beata Maria do Lado era natural do Louriçal (distrito de Leiria). Fundou na terra natal um recolhimento com o fim de se venerar nele o Santissimo Sacramento, o qual se reduziu mais tarde a um mosteiro de Religiosas Cristãs. Faleceu em dia 29 de Março de 1632, com signaes de predestinação, diz o *Agiologio Lusitano*, de J. Cardoso, II, p. 750.

**Maria dos Anjos.** — «Efigie da Beata Maria dos Anjos», III, 103.

**Maria Egypciaca (Santa).** — «Santa Maria Egypciaca, da Goarda Real», 2 exemplares diferentes, III, 48.

**Maria do Lado (Madre).** — Vid. *Maria e Misericordias*.

**Marianna (Santa).** — «Santa Marianna», IV, 133.

**Marta e Martha (Santa)**<sup>1</sup>. — «Santa Marta, que se venera no seu Most(eiro)». Lisboa, *Carv(alh).º f(ecat) ou f(ez)*, I, 51; «Santa Martha», exemplar minúsculo, III, 30; «Santa Martha», 4 exemplares diferentes, III, 31; «Santa Martha», V. M., 4 exemplares diferentes, III, 35.

No Minho, na Romaria de Santa Marta, a Santa é rodeada de meadas loiras e de estrigas de linho, para que o bicho não caia no fiado. Cf. *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, D. Rodrigo da Cunha, II, cap. 23, 112.

**Martenidade.**—Vid. *Maternidade*, e *Apendice*.

**Martinho (S.).**—«S. Martinho.», I, 9.

Baco dos Cristãos, tem apenas dois dias de festa se incluímos a vespera, dia 10 de Novembro, em que as libações quasi obedecem a um rito. Não se sacrifica o bode no altar pagão de Dionisio, nem com canções fálicas se leva em procissão o falos, simbolo de toda a força productora, mas o liquido baquico, como antigamente na Grecia, tem o seu festejo privativo, e é na cópia de libações que consiste o «culto» popular do dia.

Pelo S. Martinho o outono readquire por um momento o calor e serena amenidade dos bons dias do fructo sazonzante. *o verde de S. Martinho*. Assim o Santo adquire, como Baco, o simbolo animico do regresso à juventude.

A attribuição dionisica de S. Martinho não provém de qualquer tradição do santo; é comparavel à crença popular de ter sido S. Cipriano o primeiro feiticeiro, que teria feito um livro tal que quem o lê sobe às nuvens. A acumulação mitica é tão clara, sobre a forma religiosa, que se vê como foi casual efeito de calendario a coincidência das festas báquicas, modernas, com o dia de S. Martinho que como tal ficou patreinando os novos bacantes e servindo-lhes, a elles e aos vinhateiros, de referencia vincicola. Prova-se o vinho novo: diz então o povo que nesse dia o «vinho novo já é velho»; Vid. *S. Lourenço*. De S. Lourenço diz-se:

Em dia de S. Lourenço,  
Vae à vinha e enche o lenço.

Por onde se depreende que, nos fastos dionisiacos do Cristianismo, este santo anda aliado com S. Martinho.

Em Atenas celebrava-se a *Antesteria*, no mês do Antesterião (Fevereiro-Março), quando o vinho acabava de fermentar, e durava três dias. Faltam como ella as festas das *Trieterides*, em que se invocava o deus, logo após as vindimas, em apelativos lúgubres e danças de dôr. A festa unica no Cristianismo é a do S. Martinho. Vid. *Mitologia Classica*, Felice Ramorino (Manual Hoepli), pag. 161.

Os Agiologios dão três santos com o nome de Martinho: S. Martinho de Tours que morreu em 396; S. Martinho, Arcebispo de Braga, fundador do mosteiro de Dume ou Dumium, falecido em 580; e o Papa S. Martinho I, que jaz em Roma desde 655 na igreja de S. Martinho dos Montes, onde é festejado a 12 de Novembro. E não diz o Agiologio que qualquer deles tivesse sido o que a tradição mitologica fez de Baco, e o costume consagrou.

É uso dizer-se, tanto o tenho ouvido na provincia como em Lis-

boa, que, quem se embriaga na festa de S. Martinho, «fica juiz» para o ano seguinte, ou então «rasga a opa» (Alentejo).

\*

Numa casa da Rua do Marechal Saldanha, em Lisboa, ha um registo de azulejos com uma Nossa Senhora ao centro, S. Marçal à direita e S. Martinho à esquerda.

**Martires.**—Vid. *Martyres*.

**Martyres.**—«Nossa Senhora dos Martyres, da Villa de Castro Marim<sup>1</sup>». «SALVE REGINA MARTYRUM», exemplar grande, colorido, litografado, III, 102; «O Senhor Jesus dos Martyres», IV, 17.

**Martyres de Marrocos.**—Sem indicação, I, 61; «Os gloriosos Santos Martyres de Marrocos», I, 120; «Os gloriosos Santos Martyres de Marrocos», que se veneram em Santa Cruz de Coimbra (Coimbra 1871), I, 120; «Santos Martyres de Marrocos», I, 193; «Santos Martyres de Marrocos», Travassô, I, 193; «Santos Martyres de Marrocos», Coimbra, 4 exemplares diferentes, II, 12; «Os gloriosos Santos Martyres de Marrocos», protectores de Coimbra, II, 25; «Os gloriosos Santos Martyres de Marrocos», 4 exemplares diferentes, II, 26; «Os gloriosos Santos Martyres de Marrocos», 9 exemplares diferentes, II, 27; «Os gloriosos Santos Martyres de Marrocos», J. C. de Lemos, *des(enhou). e grav(ou)*, Porto, IV, 169; «Gloriosissimos Santos Martyres (de Marrocos)», especiais protectores de Coimbra, IV, 169.

Os martyres de Marrocos foram cinco rapazes que na jornada de Africa ficaram prisioneiros dos Mouros. A eles se juntou mais tarde outro que como eles foi justicado pelo odio do Xerife Hamer. Foram eles Simão de Freitas, Gines Amaro Gonçalves, Antonio da Sylva, João de Paris, e Domingos, e o sexto chamava-se Francisco da Esperança. O Xerife mandou-os degolar por se negarem á abjuração e às praticas de homo-sexualismo de costume oriental do soberano. Um Conselheiro evitou o morticínio, fazendo pagar a um a teimosia de todos. Mas, mais tarde foram torturados e lançados ao mar. O embaixador de Portugal em Marrocos, Dom Francisco da Costa, resgatou os corpos que fez conduzir para Lisboa, onde ficaram depositados no Convento de S. Francisco. *Descrição do Reino de Portugal*, de Duarte Nunes de Leão, p. 99 v.

Festejam-se em Lisboa, na igreja da sua invocação, a 13 de Maio.

<sup>1</sup> *Castro Marim*: vila e concelho do Algarve.

**Mater.**—«*Mater Fons Amoris*», do Real Mosteiro de S. Joana (de Aveiro), I, 43; «*Mater Custissima*», III, 16; «*Mater Matris Dei*», III, 40; «*Mater Creatoris*», III, 101; «*Mater Dolorum*», III, 153; «*Mater Custissima*», Lembrança do mez de Maria, IV, 221.

**Mãe de Deus.** Diz o *Mappa de Portugal*, de J. Bautista de Castro, que quando o Apostolo das Espanhas estabeleceu o culto das imagens sagradas, em terras de Portugal edificou altares à Mãe de Deus em Braga. Foi continuado o culto com singularissimo zelo. *Op. cit.*, 3.<sup>a</sup> edição, II, p. 136.

**Mater Dolorosa.**—«*Mater Dolorosa*», I, 37; «*Mater Dolorosa*», 2 exemplares diferentes, II, 46; «*Mater Dolorosa*», III, 14; «*Mater Dolorosa*», *G. Vasco*<sup>1</sup>, III, 16; «*Mater Dolorosa*», Tavira (Algarve), III, 151; «*Mater Dolorosa*», IV, 65; «*Mater Dolorosa*», IV, 90; «*Mater Dolorosa*», IV, 96; «*Mater Dolorosa*», IV, 98; sem designação, IV, 98.

**Maternidade.**—«*Nossa Senhora da Maternidade*», 2 exemplares diferentes, IV, 69; «*Imagem da Maternidade de Nossa Senhora Padroeira da Veneravel Ordem 3.<sup>a</sup> de S. Francisco da Cidade de Coimbra*», *Santos fecit* ou *f(ez)*, IV, 102.

**Matheus (S.).**—«*S. Matheus*», que se venera junto a Soure<sup>2</sup> 4 exemplares diferentes, I, 103; «*S. Matheus*», que se venera em Cantanhede<sup>3</sup>, *Miguel Costa fecit* ou *f(ez)*; I, 103; «*S. Matheus*», que se venera nos suburbios da Villa de Soure, 4 exemplares diferentes, 2 exemplares, com *J. Dôres fecit* ou *f(ez)*, 1 em 1867 e outro em 1868, I, 167; «*S. Matheus*», Camarneira<sup>4</sup>, I, 195; «*S. Matheus*», Cantanhede, I, 195; «*S. Matheus*», Soure, II, 80; «*S. Matheus da Calheta da Ilha da Terceira*» (Açores), III, 120; «*B. Matheus de Agrigento*», *J. C. Silva inv(enit)*, ou *inv(entou)*. *G. F. Machado sculp(sit)*. ou *sculp(iu)*, IV, 180.

Foi S. Mateus Apostolo e Evangelista; tendo escrito o Evangelho no ano de 40 em sirio-caldaico, idioma patrio, conforme o asseverou Eusebio e S. Jeronimo, foi elle quem reduziu a formula esquematica de sermão a mais admiravel pratica de moral de todos os tempos: *O Sermão da Montanha*. Tem festa a 21 de Setembro.

<sup>1</sup> É talvez um desenho feito de qualquer imagem de «*Nossa Senhora das Dôres*», tirada de pintura attribuida a *Gão Vasco*.

<sup>2</sup> *Soure*: Vila e concelho do distrito de Coimbra.

<sup>3</sup> *Cantanhede*: id., id.

<sup>4</sup> *Camarneira*, povoação, do concelho de Cantanhede.

**Mathozinhos ou Matozinhos.** — «Senhor Bom Jesus de Mathozinhos»<sup>1</sup>, III, 4; «Milagrosa Imagem do Senhor Jesus de Mathozinhos», III, 25; «Milagrosa Imagem do Senhor Jesus de Matozinhos», III, 27; «Milagrosa Imagem do Senhor Jesus de Mathozinhos», 2 exemplares diferentes, III, 69; «Milagrosa Imagem do Senhor Jesus de Mathozinhos», III, 106; «Milagrosa Imagem do Senhor de Mathozinhos», exemplar grande, III, 107.

A lenda do Senhor de Matozinhos tem similares em todos os povos de tradição católica. Nomeadamente lembro a imagem de Jesus Cristo que appareceu boiando no mar em Saint Valéry (França) a uns rapazes que pescavam; estava sem a cruz; e a lenda do aparecimento liga-se com o milagre de despregamento das cruzes em que o Padre Truphème o mandava pregar. Vid. conto de Anatole France: *O Nosso Senhor do Oceano*, trad. nos *Serões* (2.<sup>a</sup> série, III, 118-122) por D. João da Câmara.

**Maxima.** — «SS. Maxima, Verissimo e Julia, M. em Lisboa», Igreja de Santos; *Godinho f(ecit) ou f(ez)*, I, 51; «SS. Maxima, Verissimo e Julia», M. em Lisboa, III, 32; «SS. Verissimo, Maxima e Julia», 2 exemplares diferentes, III, 42.

Verissimo, Máxima e Júlia eram três irmãos lusitanos, que foram de peregrinação a Roma visitar os lugares sagrados pela morte dos mártires. Um anjo appareceu-lhes, e disse-lhes que voltassem a Lisboa porque lá seriam martirizados. Regressaram e nas perseguições de Daciano foram executados. Arrastaram-nos pelas ruas, torturaram-nos e por fim lançaram-nos ao rio entre a capital e a fronteira vila de Almada. Poseram-lhes pedras ao pescoço, para poderem ir ao fundo e lá ficar. Imediatamente porém appareceram na margem do rio; os Cristãos ergueram-lhes um templo no sitio onde os sepultaram, que reconstruído e ampliado é a actual igreja de Santos-o-Velho, orago da freguesia de Santos-o-Velho, do 4.<sup>o</sup> bairro de Lisboa. Santos-o-Velho contrapõe-se a Santos-o-Novo outra freguesia de Lisboa; aquele templo é no lugar do primitivo; para o novo foram trasladados por D. João II, em 1475, os restos dos Santos. Vid. *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, de D. Rodrigo da Cunha, parte I, cap. 18, n.<sup>o</sup> 8.

Cf. *Descrição do Reino de Portugal*, de Duarte Nunes do Leão, 71 v.

D. Rodrigo da Cunha fala da lenda das pedrinhas redondas com sinais de sangue e cruzes muito claras «em forma de rosas», que appareciam junto dos túmulos dos Santos. Diz que teve uma, 71, fol. 41. Em Lisboa havia procissão em honra destes martires, que saía da

<sup>1</sup> *Matozinhos*: concelho de Bouças, distrito do Porto.

Sé e ia ao mosteiro de Santos-o-Novo. Assim passavam no Culto da igreja de Santos-o-Velho, para o templo das Comendadeiras de Santos-o-Novo.

Das mesmas pedrinhas diz J. Bautista de Castro que aparecem na praia no dia da festa dos Santos, em memória de haverem sido lapidados. *Recreação Proreptosa*, fol. 102. A festa celebra-se no dia 1 de Outubro.

**May dos Homens** <sup>1</sup>.—«Nossa Senhora May dos Homens», 2 exemplares diferentes, II, 37; «Nossa Senhora May dos Homens», *Mig(ue)*<sup>1</sup>. *Le Bouteau (fecit)*, IV, 110.

**Menino Deos**.—«Menino Deos», Real Igreja da Madre de Deos<sup>2</sup>, III, 127.

**Menino Jesus**.—«Menino Jesus, Nosso Pay e Senhor» (colorido), que se venera em Elvas; *Carv(alh)*<sup>o</sup>. *f(ecit)* ou *f(ez)*, I, 10; «O Menino Jesus e seu pae», I, 206; «Vera effigie do Menino Jezus dos Atribulados», que se venera em Lisboa, na Igreja Italiana de Nossa Senhora do Loreto, II, 3; «Menino Jesus Salvador do Mundo» (colorido), II, 59; «Menino Jesus dos Atribulados», exemplar minúsculo, II, 62; «Menino Jesus», II, 80; «O Menino Jesus Milagroso de Praga», III, 141; «Menino Jesus», IV, 7.

Na Ilha da Madeira, ouve-se ainda o canto das mulheres que celebram, ensinando-o às crianças, a maravilha de Belém; acaba assim:

Ai, Senhor do Mundo,  
Tam pobre que estais,  
Deitado no feno  
E entre animais.

Se na arte o Natal deixou tradições de uma forma característica, mantêm no povo ainda esses hábitos velhos; é que a escultura de barro dos *presépes* não foi mais que a ascensão artística e culta de uma expressividade rude de arte ingénuo, popular, impulsiva. Ainda hoje vemos os *presépes* de Antonio Ferreira e especialmente Machado de Castro, pelo menos em acção directriz, que são museus em miniatura. A indústria cerâmica popular continua hoje a fabricar modelos velhos com que a aldeia e as crianças dos centros provincianos povoam os *presépes* de hoje. É uma festa caseira, familiar, na sua ideia íntima e cristã; e, seqüência dos mistérios do paganismo, con-

<sup>1</sup> Ermida de Nossa Senhora *Mãe dos Homens*: na freguesia de Santa Isabel, de Lisboa, foi fundada em 1754. *Mappa de Portugal*, J. Bautista de Castro, 3.<sup>a</sup> ed., III, p. 176.

<sup>2</sup> Vide *Madre de Deos*.

tinua as festas religiosas do solstício hibernal, princípio do ano astronómico; a mitologia influin como não podia deixar de ser, dada a compreensão do elemento mitológico e metafísico em a génese da vida e da crença; na literatura, como na imaginação popular que tudo reduz ao meio em que vive, também o culto do Natal envolve em si como que a adoração, o receio e a estima, da neve, qualquer cousa de concordante com «o mundo de névoa de onde saíam os rios que se congelavam, e encheram o abismo insondável, princípio da morte e da cólera, que a luz subverteu», dos Eddas.

Os melhores presépios são do séc. XVIII, a idade clássica da nossa escultura do barro. Os nossos coroplastas com escolas de construção e carácter próprios, desenvolveram-se em Aveiro, Alcobaça e Mafra. Em Lisboa tomaram outra direcção: modelar em figuras de dimensões pequenas, cheias de movimento que se integravam num sentimento comum; enquanto a plástica das figuras de fora, e em especial naqueles lugares, era estática. No Pôrto pelas bandas dos Clérigos ainda hoje existem vestígios desse período áureo, a que Teixeira Lopes, pae, deu uns últimos aspectos de vida. Se em Lisboa predominava nas figuras todo o luxo da côrte rival da do Rei Sol, no Pôrto esta escultura popular era restritamente popular e regional, animada de um realismo admirável, que só na arte flamenga teve comparação.

Ainda podem vêr-se em Lisboa os presépios da Igreja da Madre de Deus, da basilica da Estrêla, da Sé, do Colégio de Campolide e do Museu das Janelas Verdes. É curioso de ver como as figuras populares destes presépios se sentem plasmadas pelas mãos que modelavam as figuras de Santos, reis e guerreiros, todos em ademanos de minúete.

No Minho crê-se que o Menino Jesus se vai a casa de alguêm, é bom metê-lo na cama em que se dorme. Vid. *Rev. de Guimarães*, xv, 33.

Vid. *Os presépios de Barro*, in *Serões*, 3.<sup>a</sup> série, vol. I, 514 a 525; de João Barreira. *O presépio da Madre de Deus na Illustração Portuguesa*, vol. IV 23 de Dezembro de 1907. Vid. *Cerâmica Portuguesa* de José Queiroz, p. 273 e sgs.

No convento dominicano de Santarém há um Menino Jesus que a tradição diz crescer. Acrescenta que o menino saía do colo da Virgem e ia merendar com duas crianças que todos os dias se sentavam nos degraus do altar.

*Mappa de Portugal*, de J. Bautista de Castro, 3.<sup>a</sup> ed., II, p. 143.

**Meninos.**—«O Senhor Jesus dos Meninos», que se venera no Mosteiro das Religiosas de S. Bernardo, em Cellas (Coimbra, arredores), *Dôres f(ecit)* ou *f(ez)*, 1866, I, 123.

**Mercês.**—«Nossa Senhora das Mercês», 2 exemplares, um colorido, I, 37; «Nossa Senhora das Mercês», venerada na Igreja da Conceição Velha, em Lisboa, II, 151; «Nossa Senhora das Mercês», IV, 70; «Nossa Senhora das Mercês», IV, 109.

**Merciana.** — «Nossa Senhora da Piedade da Merciana»<sup>1</sup>, I, 217; «Nossa Senhora da Piedade da Merciana», 2 exemplares grandes, II, <sup>42</sup>/<sub>43</sub>.

«He tam deuota a Sancta Imagem, que imprime cõpunção a quẽ »na vé...» *Agiologio Lusitano*, II, 769, 1.<sup>a</sup> Soleniza-se a festa desta imagem no dia da Santissima Trindade, «cõ grandes regozijos, & folgares, ... porque ha feira, vodo & Touros ...» Id. Diz a lenda que neste dia aparece a Senhora, pelos contornos do sanctuario.

**Mercules.** — «Nossa Senhora de Mercules», exemplar minúsculo, IV, 53.

Em Castelo Branco, a 4 quilómetros da cidade, há um templo com esta invocação. A romaria faz-se na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> feira de Pascoela. Vid. *Apêndice*.

**Mês de Maria.** — «Lembrança do Mês de Maria», 31-v-1868, Elvas, II, 9; «Memória do Mês de Maria», 31-v-1867, Elvas, II, 9; «Lembrança do Mês de Maria», 31-v-1870, Elvas, II, 9; «Lembrança do Mês de Maria», 31-v-1872, Elvas, II, 13; «Lembrança do Mês de Maria», 31-v-1868, III, 81; «Consagração do mês de Maria, 1868, III, 101; «Lembrança do mês de Maria», 1868, III, 101; «Lembrança do Mez de Maria», 31-v-1855, *Lecoingt fecit*, IV, 222; «Lembrança do Mez de Maria», Maio, 1874, IV, 222.

**Micael.** — «Rafael, Uriel, Gabriel, *Micael*, Sealtiel, Iuhdiel, Barachiel» (arcánjos), IV, 180.

Vid. *Miguel*.

**Miguel (Fr.)** — «O B. Fr. Miguel dos Santos», da Ordem Calçada da Santissima Trindade, IV, 173.

**Miguel (S.)** — «S. Miguel», 2 exemplares diferentes, I, 63; «S. Miguel», 2 exemplares diferentes, II, 61; «S. Miguel», exemplar minúsculo, II, 79; «S. Miguel», exemplar minúsculo, III, 56; «S. Miguel», Vila Franca, S. Miguel (Açores), exemplar grande, III, 115; «S. Miguel e Almas», Igreja de S. Paulo (Lisboa), III, 117; «S. Miguel Arcanjo», III, 196; «Nossa Senhora dos Milagres» e «S. Miguel», IV, 86; «S. Miguel», exemplar pequeno, IV, 166; «S. Miguel Arcanjo», IV, 167; sem designação, IV, 167.

• S. Miguel Arcanjo foi o Santo Custódio do Reino, desde que D. Afonso Henriques venceu, com a ajuda dele, o general mouro Al-

<sup>1</sup> Aldeia Galega da *Merceana*, concelho de Alenquer (Lisboa).

baraque nos campos de Santarém. Erigiu-lhe o Rei uma capela na igreja da Alcáçova de Santarém... *Agiologio Lusitano*, III, 126.

É advogado de boticários e sombreireiros; festeja-se a 29 de Setembro.

S. Miguel é o Marte do Cristianismo, cercado pelos anjos, como o deus pagão se associava à Vitória e à Fama. É o salvador dos exércitos nas guerras santas, e o salvador das almas contra os perigos do demónio, que elle vence na figura de uma serpente, mais Apolo do que Marte, com recordações dos *Nibelungos* (vid. *Apocalypse*). Justo, representante e executor da justiça divina, aparece de ordinário nos retábulos das almas, de balança na mão a pesar as culpas das almas do Purgatório. Tem uns longes de Anubis dos mitos faraónicos.

\*

Quando nos fins de Setembro chove, diz-se em Vila Rial que os *coroceiros puseram S. Miguel de mólho*, para obterem chuva que lhes ajude a ventla das coroças. *Revista Lusitana*, XII, pag. 319.—*Tradições populares e lingoagem de Villa Real*, de António Gomes Pereira.

S. Miguel era patrono de uma das Bandeiras da *Casa dos Vinte e Quatro*, organizada por D. João III em 1539, e reformada em *Nova Regulação*, de 3 de Dezembro de 1771, por D. José I. Cabeça do officio eram os Livreiros; anexos, os Latoeiros de fundição, etc. (De um ms. da Biblioteca Nacional, cod. 653, p. 78). Era a *Bandeira de S. Miguel*.

**Milagre.**—«Santissimo Milagre de Santarem», 2 exemplares diferentes, III, 8; «O Menino Jesus do Milagre», Convento dos Religiosos de Santo Antonio da Convalescença, IV, 7; «Verdadeira Cópia do SS. Milagre da Vila de Santarem», IV, 9; «*Testimoniū veritatis Miraculum Sanctaranense*», IV, 11.

O milagre a que se referem os primeiros e terceiro *registos* é o que D. Rodrigo da Cunha conta na 2.<sup>a</sup> parte da *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, cap. 59 a 64, pp. 188 v. a 194. Deu-se em Santarem, na igreja de S. Estêvão em 1266. Foi um roubo da particula sagrada, à hora da comunhão, por uma mulher que queria voltar a boas relações com o marido, e se entregara a uma judia que lhe exigiu aquelle crime para solução familiar. A particula vertia sangue; foi guardada em um *ampullā minimam vitream* (p. 190).

Em uma *Miscellanea* da Biblioteca Nacional, há um ms. que descreve beneficios, foros, dízimos, da igreja do Milagre, «do padroado del Rey». Diz: «Assi q̄ pa aveneração do Santo milagre sera cousa »mui acertada encostalo a hũa religião».

Diz textualmente o *Mappa de Portugal*, de João Bautista de Castro, 3.<sup>a</sup> ed. II volume, a p. 137: «Em Santarem no convento »de religiosos Benedictinos se adora com especial culto uma devo- »tissima, e milagrosa imagem de Jesus Christo crucificado com os »braços despregados, estendido o direitō, offerecida a mão, e curvado

»o santissimo corpo na mesma postura, com que testemunhou ha  
»tantos seculos a verdade de uma afflita pastora, que com lagrimas,  
»e verdadeira fé lhe pedia justificasse na presença dos ministros da  
»justiça o seu requerimento, como irrefragavel testemunha, que havia  
»sida dos esponsaes, que lhe fizera certo moço». É o milagre do último *registo* (IV, 11).

Vid. *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, de D. Rodrigo da Cunha, parte 2.<sup>a</sup>, cap. 72, p. 211; diz que era bispo de Santarém D. Domingos Jardo, 1289 a 1293.

**Milagres.** — «SS. Cruz dos Milagres, q(ue) se v(enera) na Egreja de Nossa Senhora do Pilar» (Porto), I, 5; «Nossa Senhora dos Milagres», que se venera em Guifões<sup>1</sup>, I, 83; «Nossa Senhora dos Milagres. Venera-se em S. Paio de Gramaços<sup>2</sup>. Festa a 15 de Agosto», I, 141; «Nossa Senhora dos Milagres», que se venera na sua Capela do Cabril (proximo ao Pedrogão Grande<sup>3</sup>), MALHOA (*inventou?*), I, 153; «Senhor dos Milagres», Braga, I, 207; «Nossa Senhora dos Milagres», Sernache dos Alhos<sup>4</sup>, 2 exemplares diferentes, II, 8; «Nossa Senhora dos Milagres», capela dos Fetaes Cimeiros, freguesia do Espinhal<sup>5</sup>, II, 71; «Senhor dos Milagres», Capela da Cruzinha, termo de Vilarandelo<sup>6</sup>, II, 86; «Senhor Jesus dos Milagres», III, 26; «Senhor Santo Christo dos Milagres», ECCE-HOMO, Ponta Delgada (Açores), exemplar grande, III, 67; «Senhor Santo Christo dos Milagres, com a V. M. Thereza da Anunciada», Ponta Delgada, III, 68; «Piedoza Imagem de Nossa Senhora dos Milagres», III, 84; «O Senhor Bom Jesus dos Milagres», de Machico (Madeira), exemplar colorido e dourado, III, 108; «Nossa Senhora dos Milagres», Ermida á Estrela (4.<sup>o</sup> bairro de Lisboa), III, 112; «Senhor Bom Jesus dos Milagres», Ilha de S. Jorge (Açores), fotografia, III, 137; «Nossa Sedhora dos Milagres», Igreja na Estrela, Lisboa, III, 168; «Imagem de Nossa Senhora dos Milagres», lugar de Sarreta, Ilha Terceira (Açores), IV, 64; «Nossa Senhora dos Milagres» e «S. Miguel», IV, 86.

Em Lisboa há uma ermida de Nossa Senhora dos Milagres, na Travessa dos Ladrões, na Estrêla. Já a ela se refere Bautista de Castro, in *Mapa de Portugal*, 3.<sup>a</sup> ed., III, p. 176.

<sup>1</sup> *Guifões*, freguesia no concelho de Bouças, distrito do Pôrto.

<sup>2</sup> *S. Paio de Gramaços*: Gramaços é povoação da freguesia e concelho de Oliveira do Hospital (distrito de Coimbra).

<sup>3</sup> *Pedrogão Grande*, vila e concelho do distrito de Leiria.

<sup>4</sup> *Sernache dos Alhos*, vila do concelho de Coimbra.

<sup>5</sup> *Espinhal*, freguesia do concelho de Penela (distrito de Coimbra).

<sup>6</sup> *Vilarandelo*, freguesia no concelho de Vale Passos (distrito de Vila Real).

Na Serra do Marão há uma imagem de Nossa Senhora dos Milagres, com romaria a 8 de Setembro, «cuja formosa e vasta capella »domina todo o villar». *Minho Pittoresco*, I, 61.

**Misericordia.**—«Nossa Senhora da Misericordia D'Antime», exemplar de côr, I, 92; «Nossa Senhora da Misericordia», Porto, exemplar grande (fotogravura), III, 170; «Nossa Senhora da Mizericordia», IV, 97.

«Esta virtuosa e catholica rainha (D. Leonor, mulher d'el-rei D. João II) instituiu a confraria da Misericordia nestes reinos, sendo regente d'elles no tempo que el-rei D. Manuel, seu irmão, era ido »a Castella... Para esta confraria deu el-rei D. Manuel de juro cada »anno de esmola um conto de reis, para sustento de orfaos, e quinientos mil reis para outras obras pias». *Chronica do felicissimo rei Dom Emmanuel*, Damião de Goes, parte IV, cap. 26.

**Misericordias.**—«O Senhor Jezus das Misericordias e a veneravel Madre Maria do Lado<sup>1</sup>, fundadora do Lourical», 3 exemplaras diferentes, sendo um deles colorido, I, 68; «O Senhor Santo Christo das Misericordias», que se venera na Igreja da cidade de Angra (Açores), II, 4; «Senhor Jesus das Misericordias», 3 exemplares diferentes, II, 64; «Senhor Jesus, o Senhor Santo Christo das Misericordias», venerado em Angra, III, 4; «Senhor Jesus das Misericordias», S. Salvador, Évora, III, 108; «Milagroza Imagem de Nossa Senhora das Mizericordias», IV, 70.

**Missão.**—«Nossa Senhora da Missão», IV, 91.

**Mizericordia.**—Vid. *Misericordia*.

**Mizericordias.**—Vid. *Misericordias*.

**Moita.**—«Milagrosa imagem de Nossa Senhora da Moita», do logar de Gondelim<sup>2</sup>, exemplar fotogravado, III, 155.

**Moliano.**—Vid. *Pedro (S.)*.

**Monica (Santa).**—«Vid. *Consolação*»; «Santa Monica», 2 exemplares diferentes, IV, 134.

**Monserrate.**—«Nossa Senhora de Monserrate», Ermida na Quinta de Monserrate, no termo da Vila de Almada, distrito de Lisboa, IV, 82; «Nossa Senhora do Monserrate<sup>3</sup>, IV, 105.

<sup>1</sup> Vid. *Maria*.

<sup>2</sup> *Gondelim*, povoação nos concelhos de Valença (Viana do Castelo) ou Penacova (Coimbra).

<sup>3</sup> Na Rua de S. Bento, segundo refere já Bautista de Castro no *Mappa de Portugal*, 3ª. ed. III, p. 253, houve uma capela desta invocação, em casa de D. António de Menezes.

O *registo* pertence, à festa da imagem «tam prodigioza como em tudo Grande, | Protectora de seos Devotos. | Venera-ce em » a sua Irmida da Quinta de Monserrate no Termo da Vila | d'Alma-da». Di-lo o próprio *registo*.

Vid. noticia de «offertas de naufragos e captivos, e outros argu-mentos de varias necessidades e do remedio que nelas se alcançou » por meio d'esta Senhora», na *Vida do Arcebispo*, de Fr. Luíz de Sousa, I, liv. 2.<sup>o</sup> cap. 33. (Narração da visita do Arcebispo à devotíssima casa de Nossa Senhora de Monserrate ...).

**Monte.**—Vid. *Monte Alto*, *Monte do Carmo*, *Bom Jesus do Monte*; «Nossa Senhora do Monte, S. Gens e Santo Agostinho», Lisboa, 1.<sup>o</sup> Bairro, I, 178; «Senhora do Monte», exemplar minúsculo, II, 62; «Nossa Senhora do Monte de Penacova», (distrito de Coimbra), III, 77; «Nossa Senhora do Monte, e S. Gens», III, 101; «Nossa Senhora do Monte, e S. Gens», III, 125; «Nossa Senhora do Monte», de Penacova, III, 147; «Nossa Senhora do Monte», Ilha da Madeira, III, 151; «Milagrosa Imagem do Senhor Bom Jesus do Monte», IV, 13; «Nossa Senhora do Monte», IV, 70; «Nossa Senhora do Monte», 2 exemplares diferentes, IV, 71; «Nossa Senhora do Monte», IV, 87; «Nossa Senhora do Monte», IV, 98; «Nossa Senhora do Monte da Ilha da Madeira», lithografia, exemplar grande, IV, 220.

Nos arredores da cidade do Funchal (Madeira), em um cabeço por cima da povoação, há uma igreja da Nossa Senhora do Monte. *Monte* é a elevação onde está o templo. De toda a ilha corre gente à romaria, no dia 15 de Agosto.

**Monte Alto.**—«Nossa Senhora do Monte Alto», (Arganil)<sup>1</sup>, 2 exemplares diferentes, II, 4; «Nossa Senhora do Monte Alto», Arganil, III, 130.

**Monte do Carmo.**—«Nossa Senhora do Monte do Carmo», I, 230; «Nossa Senhora do Monte do Carmo», II, 64; «Nossa Senhora do Monte Sameiro», III, 17; «Nossa Senhora do Monte do Carmo», 2 exemplares diferentes, III, 19; «Nossa Senhora do Monte do Carmo», Ordem Terceira do Convento do Carmo, Lisboa<sup>2</sup>, III, 102; «Nossa Senhora do Monte do Carmo», IV, 64; «Nossa Senhora do Monte do Carmo», exemplar minúsculo, IV, 65; «Nossa Senhora do

<sup>1</sup> *Arganil*, vila e cabeça de concelho do distrito de Coimbra.

<sup>2</sup> Convento de Nossa Senhora do *Monte do Carmo*. no sítio das Águas Livres, freguesia de Santa Isabel. *Mapa de Portugal*, de J. Bautista de Castro, 3.<sup>a</sup> ed., III, 197.

Monte do Carmo», iv, 71; «Nossa Senhora do Monte do Carmo», iv, 104.

**Monte Junto**<sup>1</sup>.—Vid. *Neves*.

**Monte Sinay**.—«Santa Catarina de Monte Sinay»<sup>2</sup>, iii, 155.

**Morte**.—Vid. *Boa Morte*.

**Morto**.—«O Senhor Morto», sem designação, i, 19; «Milagrosa Imagem do Senhor Morto», que se venera em Castanheira de Pera, i, 68<sup>3</sup>; «O Senhor Morto», i, 104; «Senhor Morto», i, 209; «Imagem do Senhor Jesus Morto», Convento do Carmo Calçado, Lisboa, *Lucius sculps[it]*, iv, 21.

**Mundo**.—«Senhor do Mundo», que se venera no Cabeço de Mortagua<sup>4</sup>, 2 exemplares diferentes, (1 colorido), i, 105.

**Nascimento**.—«Nascimento de N. S. Jesus Christo», ii, 3; Vid. *Menino Jesus*.

**Natalia**.—«S. Felix, Santo Adrião, e *Santa Natalia*, com 23 »Companheiros Martyres, cujas Reliquias insignes se venerão na »Igreja das Relig[ios]as Conegas Regrant[es]. de Chellas. 1.º de »Agosto dia da Festa», iii, 59.

**Natividade**.—«Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Natividade», que se venera em Vila Nova d'Ourem<sup>5</sup>, i, 137; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Natividade», que se venera em Vila Nova d'Ourem, i, 140; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Natividade do Rio de Couros, Bispado de Leiria»<sup>6</sup>, ii, 32.

**Navegantes**—«sem designação», i, 157; «Senhor Jesus dos Navegantes», de Setubal (Extremadura), ii, 35; «Senhor Jesus dos Navegantes e Nossa Senhora da Caridade», Ermida à Lapa, Lisboa, 4.º Bairro, 2 exemplares diferentes, iii, 141; «O Senhor Jesus dos Navegantes», iv, 4; «O Senhor Jesus dos Navegantes», iv, 17; «O Senhor Jesus dos Navegantes e a Senhora da Caridade», iv, 21.

A primeira capela da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes foi de madeira; só mais tarde (séc. XVIII?) lhe foi feita uma de pedra. *Mappa de Portugal*, J. Bautista de Castro, 3.ª ed., iii, p. 254.

<sup>1</sup> Serra de Montejunto.

<sup>2</sup> Actual freguesia de Santa Catarina, 3.º Bairro de Lisboa.

<sup>3</sup> *Castanheira de Pera*, *Castanheira* (S. Domingos) ou *Castanheira de Pedrógão*, concelho de Pedrógão Grande (distrito de Leiria).

<sup>4</sup> *Mortagua*, vila, concelho do distrito de Viseu.

<sup>5</sup> *Vila Nova d'Ourem*, vila, concelho do distrito de Santarém.

<sup>6</sup> *Rio de Couros*, freguesia no concelho de Vila Nova d'Ourem.

**Nazaré.**—Vid. «*Nazareth*».

**Nazareth.**—«Retrato de Nossa Senhora da Nazareth», I, 29; «Milagroza imagem de Nossa Senhora da Nazareth», I, 35; «Nossa Senhora da Nazareth», 2 exemplares diferentes, I, 40; «A Senhora da Nazareth», Propriedade da Real Casa de Nazareth, (a lapis: 1903), I, 134, (colorido); «Nossa Senhora da Nazareth», 2 exemplares semelhantes ao antecedente), I, 135; «Photographia da verdadeira Imagem de Nossa Senhora da Nazareth», *J. R. da Silva Phot(ographon)*, (a lapis, 1903), I, 152; «sem designação» (gravura em madeira, sécs. XVI ou XVII), I, 162; «Nossa Senhora da Nazareth, II, 5; «Nossa Senhora da Nazareth», 2 exemplares diferentes, II, 28; «Nossa Senhora da Nazareth», 2 exemplares diferentes (1 colorido), II, 46; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Nazareth», exemplar minúsculo, II, 62; «sem designação», (exemplar minúsculo), II, 79; «Senhora da Nazareth», Real Casa da Propriedade, II, 95; «Nossa Senhora da Nazareth», 2 exemplares diferentes (1 colorido), III, 18; «Retrato de Nossa Senhora da Nazareth», III, 18; «Nossa Senhora da Nazareth», 5 exemplares diferentes, III, 173; «Verdadeiro Retrato de Nossa Senhora da Nazareth», 2 exemplares diferentes, IV, 53; «sem designação», exemplar pequeno, II, 64; «sem designação», exemplar minúsculo, 2 exemplares diferentes, IV, 65; «Nossa Senhora da Nazareth», exemplar curioso, IV, 71; «Nossa Senhora da Nazareth», 2 exemplares diferentes, IV, 93; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Nazareth», IV, 110; «Nossa Senhora de Nazareth», 2 exemplares coloridos de tamanhos diferentes, *Paris, Agustoni f[il]*, IV, 221.

A lenda milagrosa da imagem da Virgem de Nazareth, foi descrita pelo Cronista-Mór do Reino, Fr. Bernardo de Brito, no *Agiologio Lusitano*, II, 282-284. Da imagem de madeira, que appareceu ao monge Romano, de Mérida (séc. VIII), e tinha sido trazida por um frade grego da cidade de Nazareth na Galileia, encarregou-se de no-la dizer, Manuel de Brito Alão; «*Antiguidades da imagem de Nossa Senhora da Nazareth*», 1628. Eram notaveis os cirios que todos os anos acorriam festivamente às romagens; entre elles foi rico e concorrido o cirio de Lisboa, conhecido pelo nome attributivo de «cirio das pratas», que se punha a caminho em Agosto, em comitiva solene. No século passado compunha lóas, e prégava no templo da Virgem o orador sagrado de Obidos, P.<sup>o</sup> Francisco Rafael da Silveira Malhão.

Vid. In *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, de D. Rodrigo da Cunha, I parte, cap. 34, p. 65 a 68 v, «Antiguidade, veneração, «dos milagres de Nossa Senhora de Nazareth».

**Necessidades.**—«O Senhor Jesus das Necessidades», *Carvalho f(ecit)* ou *f(ez)*, I, 10; «Nossa Senhora das Necessidades», da Vila

da Ponte<sup>1</sup>, Bispado de Lamego, 2 exemplares diferentes, I, 70; «Nossa Senhora das Necessidades», de Poiães<sup>2</sup>, 2 exemplares diferentes, I, 72; «Nossa Senhora das Necessidades», de Poiães, 2 exemplares diferentes, I, 73; «Nossa Senhora das Necessidades», de Poiães, 2 exemplares diferentes, *M[iguel] Costa f[ecit] ou f[ez]*, I, 80; «Nossa Senhora das Necessidades», do Recolhimento do Paço do Conde (Coimbra), *Dores f[ecit] ou f[ez]*, 1867, I, 80; «Nossa Senhora das Necessidades», de Aldeia das Dez (Coimbra), I, 142; «Nossa Senhora das Necessidades», de Vila da Ponte, I, 161; «Nossa Senhora das Necessidades», Poiães, II, 6; «Nossa Senhora das Necessidades», II, 85; «Nossa Senhora das Necessidades», Poiães, II, 92; «O Senhor Jesus das Necessidades», II, 33; «Nossa Senhora das Necessidades», do Real Santuario das Necessidades, Lisboa, II, 50; «Nossa Senhora das Necessidades», que se venera no Colcurinho, freguesia de Aldeia dos Dez (Coimbra), II, 68; «Nossa Senhora das Necessidades», Capela da Carapinheira da Serra<sup>3</sup>, II, 76; «Senhor Jesus das Necessidades», II, 78; «Senhor Jesus das Necessidades», que se venera em Santa Cita<sup>4</sup>, II, 85; «Nossa Senhora das Necessidades», Capela em Poiães, II, 92; «Nossa Senhora das Necessidades», III, 10; «Nossa Senhora das Necessidades», Capelinha do Sobreiro<sup>5</sup>, III, 86; «O Senhor Jesus das Necessidades», Santa Cita, IV, 1; «O Senhor Jesus das Necessidades», IV, 17; «Nossa Senhora das Necessidades», IV, 79; «Nossa Senhora das Necessidades», IV, 93; «Nossa Senhora das Necessidades», IV, 98.

De Nossa Senhora das Necessidades ha uma imagem muito milagrosa em Lisboa, na ermida das Necessidades, onde fez crescer avultadamente o azeite da alampada, até verter. Uma devota que tal viu chamou o povo que viu o azeite a correr até à porta, onde o colheu quem quis. Teve devoção nesta imagem o rei artista D. João V, que lhe edificou o actual templo. Vid. esta lenda milagrosa no *Mappa de Portugal*, de J. Bautista de Castro, 3.<sup>a</sup> ed., II, p. 150.

**Negles.** — Vid. *Pedro (S.)*.

**Nepomuceno**<sup>6</sup>. — «S. João Nepomuceno», Terceiros de S. Fran-

<sup>1</sup> *Vila da Ponte*, concelho de Sernancelhe (Viseu).

<sup>2</sup> *Poiães*, há quatro povoações com este nome.

<sup>3</sup> *Carapinheira da Serra*, freguesia de S. Paulo de Frades, concelho de Coimbra.

<sup>4</sup> *Santa Cita*, freguesia da Asseiceira, concelho de Tomar.

<sup>5</sup> *Sobreiro*, numerosas povoações com este nome.

<sup>6</sup> Protector dos que temem perder a sua reputação.

cisco de Lisboa (20 de Abril de 1861), I, 66; «S. João de Nepomuceno», III, 200; «S. João Nepomuceno», *God[inh]o. f(ecit) ou f(ez)*, IV, 166; «Verdadeira Cópia de S. João Nepomuceho», q̃ se venera na Igreja de S. Julião, de Lisboa, *Debrié del[ineavit]. et f(ecit)*, 1753, IV 170.

**Neutel (S.).**—«S. Neutel», 3 exemplares diferentes, um de Certã<sup>1</sup>, e 2 de Maças de D. Maria<sup>2</sup>, I, 185.

Em Chaves, junto da vila, ergue-se o forte de S. Neutel que tem ao meio uma capelinha da Senhora das Brotas. No Domingo de Pascoela e segunda feira a seguir, acorre ali muita gente que se dispersa pelo campo, e come o derradeiro foliar da Páscoa.

**Neves.**—«Nossa Senhora das Neves», de Monte Junto<sup>3</sup>, I, 24; «Nossa Senhora das Neves», que se venera na Vila de Rebordãos<sup>4</sup>, Bispado de Bragança, *Queiroz fez*, I, 35; «Nossa Senhora das Neves», Fafe<sup>5</sup>, I, 179; «Nossa Senhora das Neves», freguesia de Sambade<sup>6</sup>, I, 179; «Nossa Senhora das Neves», I, 219; «Nossa Senhora das Neves», Fafe, I, 219; «Nossa Senhora das Neves», da Vila de Abiul<sup>7</sup>, II, 74; «Nossa Senhora das Neves», de Abiul, II, 76; «Nossa S.(enhora) das Neves de Monte Junto», IV, 93.

A Senhora das Neves é a chamada Senhora de Agosto, pois se festeja a 15 dêste mês, o mais ardente do ano. Não é só festejada na montanha onde acode aos pastores, caminheiros e lenhadores, nos meses das neves. Vid. o quadro de Jorge Afonso, de Évora (1.<sup>a</sup> metade do séc. XVI), a *Senhora das Neves* do Museu de Arte Antiga (Janelas Verdes). Também na planície, quando o calor asfixiante lembra o frio da neve, se adora a Virgem das Neves, como evocação longínqua pagã de espírito bemfazejo envolto na neve, que é necessário lembrar e aplacar.

Houve um antigo voto do Senado de Lisboa, que ia na madrugada da festa desta Senhora à Igreja da Penha. Vid. *Mappa de Portugal*, de J. Bautista de Castro, III, 135.

<sup>1</sup> Certã, vila do distrito da Guarda.

<sup>2</sup> Maças de D. Maria, vila, no concelho de Figueiró dos Vinhos (distrito de Leiria).

<sup>3</sup> Monte Junto, serra da Extremadura Cistagana.

<sup>4</sup> Rebordãos, freguesia no concelho de Bragança.

<sup>5</sup> Fafe, vila do distrito de Braga.

<sup>6</sup> Sambade, uma povoação no concelho de Penafiel (distrito do Porto), outra no de Alfândega da Fé (Bragança).

<sup>7</sup> Abiul, freguesia no concelho de Pombal (distrito de Leiria).

Nossa Senhora das Neves patrocinava os officios: Pasteleiros, latoeiros de folha branca, latoeiros de folha amarela, e torneiros; que formavam uma bandeira na *Casa dos Vinte e Quatro*, instituída por D. João III em 1539, e confirmada por D. José em *Nova Regulação*, datada de Pancas, em 3 de Dezembro de 1771. Era a *Bandeira de Nossa Senhora das Neves*. (De um ms. da Bibliotheca Nacional, cod. 653, p. 78).

**Nicolau (S.).** — «S. Nicolau», Bispo de Myrade, I, 9; «S. Nicolau Tolentino», III, 51; «S. Nicolau Bispo», III, 65; «S. Nicolau, Bispo», IV, 206.

Os estudantes de Guimarães celebravam antigamente a festa tradicional de S. Nicolau. Um dos académicos festeiros percorria as ruas e praças da cidade, proclamando um pregão ou bando, em prosa ou verso, que anunciava o programa da festa. Êstes bandos começaram a ser impressos em 1847. *Revista de Guimarães*, XXII, 161, e XXIII, 29, artigos de João de Meira.

**Nossa Senhora.** — «Nossa Senhora e Sant'Anna», I, 32; «Santa Anna e Nossa Senhora», II, 45; «Nossa Senhora e Santa Anna», III, 12; «Nossa Senhora e Santa Anna», III, 43; «Verdadeiro Retrato da Imagem de Nossa Senhora», capella das Areias, perto de Aveiro, III, 93; «Nossa Senhora apparecida ao Mudo João», q̃ se venera em 15 de Agosto na freguesia de Balugães<sup>1</sup>, IV, 91; sem indicação, IV, 92; «Nossa Senhora e Santa Anna», IV, 102; sem indicação (exemplar curioso pelo simbolismo), IV, 175.

**Noutel (S.).** — «Milagrosa Imagem de S. Noutel», que se venera em Maços de D. Maria<sup>2</sup>, festejado nos dias 25, 26, 27 de Julho, I, 108.

**Obidos.** — «Senhor Jesus de Obidos», I, 6. Vid. *Pedra*.

**Oleiros.** — «O Senhor Jesus dos Oleiros», que se venera da Igreja de Santa Justa (Lisboa), *Santos f(ecit)* ou *f(ez) Porto*, I, 17; «Senhor Jesus dos Oleiros», que se venera na Igreja de Santa Justa (*Miguel Costa [f(ez)]. Coimbra*, 1864), I, 117; «Senhor Jesus dos Oleiros, Protector da mesma classe», *Dores f(ez)* ou *f(ecit)* 1863, I, 123; «Senhor Jesus dos Oleiros», Igreja de Santa Justa, *Miguel Costa (f(ez)). Coimbra* 1880, III, 94.

**Oliveira.** — «Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães», (um exemplar muito pequeno), I, 152; «Vera effigie da veneranda imagem de

<sup>1</sup> *Balugães*, freguesia no concelho de Barcelos.

<sup>2</sup> *Maços de D. Maria*, vila do concelho de Figueiró dos Vinhos (distrito de Leiria).

Nossa Senhora da Oliveira», Ilha de S. Miguel, exemplar grande fotografado (Açores), III, 146; «Nossa Senhora da Oliveira», Rua de S. Julião, *Freire (fez)*, III, 173; «Nossa Senhora de Oliveira», IV, 72.

Vid. «Santa Maria da Oliveira», igreja paroquial, a pp. 55-57, no livro de Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde, *Guimarães e Santa Maria*, Porto 1904. Cfr. também *As Cidades Villas da Monarchia Portuguesa*, de Vilhena Barbosa, I, p. 197.

Nossa Senhora da Oliveira era patrona de uma das «Bandeiras e Offícios da Casa dos Vinte e Quatro», creada por D. João III em 1539 e confirmada por D. José I em 1771, na *Nova Regulação*. Os officios desta bandeira são: «cabeça: Confeiteiros; annexos: Carpinteiros de carroagens, Pexeleiros». (De um ms. da Bibliotheca Nacional, cod. 653, p. 78). Era a *Bandeira de Nossa Senhora da Oliveira*.

**Onofre (S.).**—«S. Onophre», III, 58; «S. Onofre», IV, 166.

**Onophre (S.).**—Vid. *Onofre*.

**Orada**<sup>1</sup>.—«Nossa Senhora da Orada», de Vieira<sup>2</sup>, I, 220; «Nossa Senhora da Orada», Albufeira<sup>3</sup>, III, 165.

**Ouvida.**—«Senhora da Ouvida», que se venera em Paradella, concelho de Sever do Vouga (distrito de Aveiro), II, 72.

**Ovidio (Santo).**—«Santo Ovidio», 2 exemplares diferentes, I, 60; «Santo Ovidio», Fafe<sup>4</sup>, I, 202; «Santo Ovidio», Fafe, I, 210; «Santo Ovidio», Louzada<sup>5</sup>, II, 81; «Santo Ovidio», Capela do Santo do Monte, freguesia de Santa Lucrecia da Ponte do Louro<sup>6</sup>, III, 122.

Santo Ovidio é advogado contra a surdez, e note-se como da aproximação sónica da pronúncia popular da palavra *ouvido* se depreende a lógica de terem os surdos por advogado Santo Ovidio. (Óvido—Ovidio). Junto de Valença, no Alto Minho, há uma capela a Santo Ovidio. No dia da festa a gente do povo não se esquece de ir auscultar uma rocha que fica próximo, numa cavidade da qual dizem sentir-se um ruído surdo. (*Minho Pittoresco*, de José Augusto Vieira, I, p. 86). Há neste caso um vestígio dos misteriosos usos das grutas prehistó-

<sup>1</sup> «Advogada dos peccadores, e das dores de cabeça», diz o *registo*, I, 220.

<sup>2</sup> *Vieira*, freguesias nos concelhos de Leiria e Ponte da Barca, e concelho da denominação legal de Vieira, no distrito de Braga.

<sup>3</sup> *Albufeira*, vila e concelho do distrito de Faro (Algarve).

<sup>4</sup> *Fafe*, vila, concelho do distrito de Braga.

<sup>5</sup> *Lousada*, vila, concelho do distrito do Porto, e povoações nos concelhos de Lousada e Felgueiras.

<sup>6</sup> *Ponte do Louro*, freguesia no concelho de Vila Nova de Famalicão (distrito de Braga).

ricas, que o cristianismo envolveu de lendas suas. Esta gruta, com a rocha, faz parte da série de outras sobrevivências ligadas às grutas: as mouras que as habitam, os tesouros que encerram, águas milagrosas, aparição da Virgem ligada a grutas (Lourdes em França, Senhora da Penha, Senhora da Lapa, da Lapinha, etc., como a Cova da Moura, Casa da Moura, Gruta da Moura, o onomástico o lembra). Essas grutas podem ter esta superstição moderna, como o frisa o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, mas, tenha ou não indícios arqueológicos, o facto é que a sobrevivência da veneração das grutas se dá hoje ainda. Vid. *Religiões da Lusitania*, I, pp. 225 e 47 nota.

**Paciencia.**—«O Senhor Jesus da Paciencia», 4 exemplares diferentes, I, 3; «Senhor da Paciencia», exemplar colorido, I, 104; «Senhor da Paciencia», que se venera em Maiorca<sup>1</sup>, I, 104; «O Bom Jezus da Paciencia» (1869), que se venera em Maiorca, I, 131; «Senhor da Paciencia», Maiorca, III, 88.

**Pai.**—Vid. *Pobres*.

**Paixão.**—«Santa Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo», II, 41; «A Paixão de Jesus Cristo conforme o Evangelho», IV, 9.

**Paraiso.**—«Senhora do Paraiso», Ermida do Asilo da Ajuda (Lisboa, 4.º bairro), fotogravura, III, 174.

**Parto.**—Vid. também *Bom Parto*. «Nossa Senhora do Parto», que se venera no 3.º Domingo de Junho em S. Paio de Seide<sup>2</sup>, I, 95; «Nossa Senhora do Parto», S. Paio de Seide, I, 173; «Nossa Senhora do Parto», I, 223; «Nossa Senhora do Parto», 2 exemplares diferentes, um colorido, II, 51; «Nossa Senhora do Parto», S. Mel. Miguel da Costa F(ez), Coimbra 1879, III, 86; «Nossa Senhora do Parto», IV, 63; «Nossa Senhora do Parto», Igreja de S. Crespim de Lisboa, IV, 72; «Nossa Senhora do Parto, S. Crispim e S. Crispiniano», IV, 72.

**Pascoal (S.).**—«S. Pascoal Bailon», III, 57.

(*Continua*).

•  
Lúis CHAVES.

---

«Pour savoir ce qu'un peuple pourra devenir, il faut d'abord connaître ce qu'il a été. C'est le service que nous rend l'histoire».

S. BOISSIER, *L'Afrique Romaine*, Paris 1895, p. 316.

<sup>1</sup> *Maiorca*, vila no concelho da Figueira da Foz (distrito de Coimbra).

<sup>2</sup> *S. Paio de Seide*, freguesia no concelho de Vila Nova de Famalicão, (distrito de Braga).